

2657

ROGERIO

JOÃO DE BRITTO

ROGERIO

DRAMA

EM UM PROLOGO E TRES ACTOS

APPROVADO PELO CONSERVATORIO DRAMATICO DA BAHIA



BAHIA
IMPrensa ECONOMICA

22 - Rua dos Alibates - 22





21.134.3(21)-2
B382, 2ed
gpl 2017381



AO EXCELLENTÍSSIMO SENHOR

CONSELHEIRO

João José de Oliveira Junqueira

Sr. Conselheiro :

O nome de V. Ex. na primeira pagina deste livro é por certo a melhor e mais valiosa recommendação que elle pode ter.

É de feito; as benções de que esse nome se nos mostra cheio, a gloria que em si concentra, a admiração que o cerca, como aureola esplendida, elevam-no muito alto para dar segura protecção a tudo que debaixo d'elle se collocar.

Vê, pois, V. Ex., que ainda quando outras razões não podesse haver para dedicar-lhe o presente trabalho, esta só bastaria. E com isto, não reudo somente um culto, cumpro tambem um dever imperioso, pagando no que posso, como brazileiro, a parte que me coube na divida de gratidão nacional para com o bahiano illustre, que, victorioso nas pugnas ardidas da palavra, a par de Rio Branco, Nabuco, Octaviano e outros, não se poupára a esforços para proporcionar á causa da emancipação um dos seus maximos triumphos com a lei de 28 de Setembro.

De V. Ex.

admirador entusiasta e amigo muito obrigado

Bahia, 20 de janeiro de 1874.

O Auctor.

ROGERIO

DRAMA EM 1 PROLOGO E 3 ACTOS

Representado pela primeira vez no Theatro de S. Joao
em 2 de setembro de 1873.



PERSONAGENS

Sovero	Guerreiro.
Rogério, no prologo — menino, no drama,	Lopes Cardoso.
Felix	Faria.
Mathilde	Gabriella.
Barão de Serra Negra	Rangel.
Conselheiro Pires	Torres.
Visconde da Ilha	Faria.
Viscondessa do mesmo titulo	Josephu.
Amelia	Thereza.
Uma dama	Francisca.
Jorge	Pinto.
Henrique da Costa	Eduardo De-Vecchy.
Araujo	Cassiano.

Capitães do matto e convidados.

A scena, no prologo, passa-se no sertão da provincia em 1823,
e no drama, na capital em 1848.

ROGERIO

PROLOGO

O interior de uma floresta. No primeiro plano, á direita, uma cabana; ao lado desta, a encosta de um monte cheio de quebradas; e, em frente, a certa distancia, uma cataracta cahindo sobre um leito de pedras.

SCENA I

LUIZA, ROGERIO e FELIX, dentro da cabana.

LUIZA, sentada num pedaço de paiz estendido no chão.

Ora; não ter mais sambambaia, para acabar logo men balaio... É só o que falta para a conta da encomenda que me fizeram.

ROGERIO brincando com uma janata amarrada n'uma cordinha, perto de Luiza.

Vm. queria sambambaia, porque não pediu a meu pae? No caminho da roça, é o que não falta.

LUIZA.

Não vê... A sambambaia agora anda vasqueira que não é graça. Si eu quero vou muito longe d'aqui

busca-la. *(Acariciando Rogerio.)* Que bem quer elle a sua jandaia e a sua mãe!

ROGERIO.

Mas a minha mãe eu quero mais bem do que a jandaia... Quando eu peguei-a no ninho, a mãe não vinha todo dia que Deus dava trazer-lhe de comer até ella ficar quasi deste tamanho?

LUIZA.

Vinha.

ROGERIO.

Então? isto mostra que a mãe quer muito a seu filho; assim o filho tambem deve querer muito a sua mãe.

LUIZA.

Eu sei, meu sabidinho, eu sei... *(Deita-o no collo.)* Rogerio, a quem tu queres mais bem: a mim, a teu pae, ou a teu avô?

ROGERIO.

Homem!... isto agora!... Meu pae, o avosinho... Não, a quem eu quero mais bem mesmo de todos, é a minha mãe.

LUIZA.

Eu posso dizer isto mesmo a teu pae?

ROGERIO.

Eu... quer dizer, diga. *(Passa.)* Minha mãe, eu sei onde tem um ninho de jandaias; sabe onde é?

LUIZA.

Não, meu filho.

ROGERIO.

Vm. não está certa n'aquella umburana que fica da outra banda do rio, onde meu pai matou a giboya grande? *(Luzia dá com a cabeça.)* Pois é ahí.

LUIZA.

Que queres fazer agora?

ROGERIO.

Que quero fazer? pega-las. Deixe meu pae largar para almoço, que eu lhe mostro. E elle já me está tardando.

LUIZA.

Já não tens uma jandaia, meu filho?

ROGERIO.

Que tem isto? Se meu pae me pegar as outras, eu solto esta, que está presa ha muito tempo... E mesmo, minha mãe, a que tempo eu tenho esta jandaia!... As outras ou morrem, ou fogem logo; mas esta... Ora veja, os umbuzeiros não sonhavam deitar flor ainda; já houve umbú duas vezes... *(Calculando.)* Tem mais de um anno esta jandaia.

LUIZA.

Meu filho, quem foi que te deu tanto juizo assim?

ROGERIO, acartelando a jandala.

Coitada de minha negrinha ! Minha mãe, se ella fosse gente, d'aqui a dous dias estaria do meu tamanho, hein ?... Ella ha de ter uma saudade de seus mattos !... Não ha nada como ser livre... Como é que meu pae sempre diz ?... Ah ! « O boi solto lambe-se todo. »

FELIX, chamando de dentro da cabana.

Rogério !

ROGERIO.

O avosinho chama ; von ver o que é.

SCENA II

LUIZA só, pouco depois SEVERO.

LUIZA.

Ah ! meu filho !... quanto mais se soubesses que tua pobre mãe é captiva !! Que ella está aqui como um passarinho que ninguem sabe d'onde veio !... (Debutta-se em lagrimas. Vendo Severo que vem por um caminho estreito de dentro do matto, com uma fonte no hombro). Severo ! (Lim-pando os olhos.) Depressa, Luiza ; olhos enxutos e rosto alegre : teu marido chega. (Indo ao encontro do Severo.) Hoje largaste muito tarde para o almoço.

SEVERO, sentando-se no pedaço de pão.

Ora ; tanto que fazer !... (Pausa.) A cotia está nos acabando a mandioquinha da roça toda, Luiza.

LUIZA.

Porque não armas a espingarda ou laço ?

SEVERO.

Laço já armei ; mas de que serve, se ella rói a corda?.. Espingarda não se pode armar ali que passa gente, e chumbo não respeita ninguem... Estou aqui esfregado que não é conversa... Coitado de quem é pobre...

LUIZA.

Trabalhaste muito, já vejo.

SEVERO.

Se trabalhei !... Que remedio é que eu tenho, Luiza?... Olha, aquella capoeira que pegava do mandacaru, que fica á beira da fonte, até lá onde tiramos o tatú com agua, foi toda a baixo. (Arreando a fonte) Deita que eu hoje te dei bem que fazer.

LUIZA.

Severo, esse trabalho demais assim não serve... Uma vez ainda, ainda ; mas todo o dia que Deus dá !... A creatura só faz o que pode.

SEVERO.

Que queres... as primeiras aguas estão na porta ; eu quero preparar o roçado para tocar-lhe fogo, antes que ellas venham... (Pausa) Onde está Rogério, senhor ? Inda não me veio ver até agora !...

LUIZA.

Está lá com teu pae. Se elle soubesse que estavas aqui já não tinha corrido, não?... Então hoje, que disse que tinha um negocio muito grande contigo.

SEVERO.

Ora, dá-se ! Que negocio será ?

LUIZA.

Deixa elle mesmo te dizer.

SEVERO.

É melhor, é melhor... E meu pae, Luiza, meu pae como vae ? Passou mais socegadoinho ?

LUIZA.

Qual, o mesmo. Tambem não sei que doença é aquella... Tenho visto muita gente padecer ; mas assim !... Parece uma cousa feita.

SEVERO, levantando-se.

Deus queira que não seja cousa alguma. (Baxuca os olhos.) Meu pae, meu pobre pae ! Elle que deixou seus parentes todos no fim do mundo, para viver comigo !... Ave-Maria que eu fique sem meu pae ! Não sei mesmo o que haveria de ser de mim, se elle me faltasse. Deixa-me ir ve-lo. (Dirige-se á cabana, seguido de Luiza; ao chegar á porta, Rogerio apparece, toma o pae pela mão, faz-lhe signal de silencio, e vem, pé ante pé, sentar-se com elle no lugar onde estavam.) Que é isto assim ?

ROGERIO.

O avosinho está dormindo ; me chamou para catar-lhe a cabeça e pegou no somno ; não fiz bem em não consentir que Vm. entrasse ?

SEVERO.

Fez, fez... Então?... já meu filho cata a cabeça de seu avosinho...

ROGERIO.

Eu quero ponco a elle, hein... A Vm. tambem eu quero muito, meu negrinho ; e como a ninguem.

SEVERO.

O feitio de quem já quer me enganar !... (Rogerio o beija repetidamente.) Vê isto, Luiza ; olha que de cousas... Se faz assim tambem contigo ?... (A Rogerio) Isto é negocio que vem por ahí, e negocio grande.

ROGERIO.

Quer ver que minha mãe...

SEVERO.

Que tua mãe, que nada. (Mostrando-lhe o dedo minimo) Este meu dedo é graça, quando dá para adivinhar ?...

ROGERIO.

Tome um abraço... Agora deixe lhe dizer um segredo.

SEVERO, depois de ouvir o que elle lhe diz ao ouvido.

Pois é isto, meu filho ? Que me pedirás tu neste mundo que eu não te faça ? (Abramão-o no collo.) Na ver-

dade, quem não tem um filho nesta vida não tem nada de seu. Venha um pobre do trabalho, deitando a alma pela bocca, e chegue em casa, não ache uma cunhinha assim com que se divirta, que eu quero ver o que ha de ser delle.

ROGERIO.

Então vamos ver logo o que eu disse ?

SEVERO.

Espera, meu insofrido ; deixa teu pae fallar com teu avosinho primeiro. Hoje sahi muito cedo, varrendo orvalho por ahi fóra, em caminho da roça ; ainda não lhe tomei a benção, nem nada... Luiza, tu já reparaste que boa memoria tem este menino ?

LUIZA.

Está bom !... Olha, Severo, vae te divertindo com Rogerio, que eu vou deitar o almoço : has de estar com muita fome.

SEVERO.

Não, eu comi uma umbusada na roça que o compadre me mandou ; não tenho fome agora, não. Tu bem sabes que sou homem de poucos comeres. Rogerio, vae ver se o avosinho já acordou, nada... *(Vento-a escutar)* Pobre de meu filho ! sempre nas mesmas carnes : é um junquinho do brejo.

LUIZA.

Que ao menos Deus Nosso Senhor não lhe dê a sorte de sua mãe...

SEVERO.

Pois dizes isto, Luiza !... Não estas contente com tua sorte ; porque ? Pois queres mais alegria que a que temos aqui ? mais ventura que a que o céu nos dá !... Eu não te entendo, mulher. Só se tens na tua vida alguma cousa de que te devex queixar, que eu ignoro ; mas se tens, porque não has de me dizer ? Não é a primeira vez que me tens feito scismar... Ora, está : não quizeste contar-me ainda tua vida, por mais que eu te tenha pedido ; conta-m'a hoje : estamos aqui sosinhos... Então ficas calada ? !...

LUIZA.

Ora, Severo, ha tanto de que a gente cuidar... De que vale eu te contar minha vida ? Sou uma creatura que soffreu muito, que chorou muito, e que hoje, Deus louvado, vive feliz, porque tem um marido como tu...

SEVERO.

E isto é o que dizes sempre que te fallo em semelhante cousa. Bem ! Que se ha de fazer ? Quando um não quer, dous não brigam.

ROGERIO.

Eu o vejo dormindo bem de seu... Meu pae, vamos ver o que eu disse ?

ROG.

SEVERO.

Tu sabes onde é ? Andar á tós pelo matto é que teu pae não pode ; tu tambem deves ter pena delle.

ROGERIO.

Si sei : Vmc. não ha de ver !

SEVERO.

Bem, vamos, que o serviço está me esperando na roça.

ROGERIO.

Oh ! ninguém tem um paesinho como eu tenho.

LUIZA.

Isto é agora só. Ha pouco não disseste que querias mais a mim...

ROGERIO.

Não diga...

LUIZA.

Que querias mais a mim do que a elle ?

ROGERIO.

Pois já não quero mais, está.

SEVERO.

Não dize isto não, meu filho ; tua mãe primeiro que tudo : a mãe sempre é mãe ! Vamos ver logo esse ninho, anda.

ROGERIO.

Ha de ver como eu vou ter lá direitinho.

LUIZA.

Rogério, tu vás pegar outras jandaias: solto a que ficou ?

ROGERIO, do caminho.

Não, não : deixe se pegarem as outras primeiro.

SCENA III

LUIZA e FELIX.

FELIX, a porta.

Estás só, minha filha ?

LUIZA.

Oh ! o paesinho de pé L... Quer passear um bocadinho aqui pelo terreiro ?

FELIX, com voz fraca.

Não ; estou bem aqui... Vim só ver a cara do dia... Olhar para tudo isto... Estas cousas todas parece que me dizem adens... Quem está, como eu, com os pés já dentro da cova, não deve tirar os olhos de cima da vida...

LUIZA.

Que idéas são essas de morte, paesinho? Vmc. ainda ha de viver muito para consolo dos seus. Dens Nosso Senhor é muito grande.

FELIX, apalvado por Luiza, vai sentar-se no pedaço do pão.

Isto é bom de dizer-se, filha... É o que te parece... Eu tenho mais de annos que de folhas qualquer destas arvores!... Os velhos devem deixar a farinha para os moços... Que mal faz que eu morra? Galho sêcco só serve p'ra o fogo... O que é que sou mais? Um resto de creatura, que já não presta...

LUIZA.

E porque não presta? Ha nada que não tenha sua serventia neste mundo? O veneno, que é o veneno, mata a formiga. Vmc. não morre agora, não.

FELIX.

Eu é que estou em mim, filha. Cuidas que sou alguma criança que se engana com palavras? (Tocando a cabeça.) Está tão branca como a escuma d'aquelle cachoeira... (Pausa.) Onde está o nosso travesso? Andu reinando; não?

LUIZA.

Foi juncto com o pae ver uma casa de jandaias ali da outra banda da fonte.

FELIX.

Coitado de meu netinho! Sempre com as travessuras; sempre com as travessuras! Bom tempo, bom tempo... (Sentindo-se incommodado e estremeccendo.) Ai! ui!

LUIZA.

Vamos lá para dentro; aqui não está bem. Devagar, devagar... Vmc. está muito abatido.

FELIX.

Louvado seja Dens; já nem me posso ter nos pés!...

(Logo que Luiza entra com Felix na cabana, apparecem no alto da encosta cinco capitães do matto, que reparam; mas apenas ella volta, occultam-se e ficam espreitando.)

LUIZA.

Quem viu este pobre homem como eu o vi!... sempre forte, sempre alegre... E eu é que vou fazer Severo ficar sem seu pae!... Obrigá-lo a vir morar aqui, tão longe dos seus, como se houvesse no mundo um canto onde o captivo, que foge, possa dizer que está livre de seu senhor!... E quem dirá que aqui só eu é que tenho um senhor?... Um senhor! aqui, onde a onça, o rio, a arvore, o passarinho, tudo é livre!... Que ha de ser de mim, meu Pae do ceu, quando aquelle homem vier a saber que a dona de seu coração, a mulher com a qual elle foi á igreja, é uma escrava fugida?!... E seu filho, seu filho, tambem, por quem elle

é capaz de dar o sangue, a vida, é escravo, tem um senhor ? !. *(Senta-se.)* Já tenho até vergonha de mim mesma !... Ah ! meu filho, se eu pudesse te metter outra vez nas minhas entranhas !...

ROGERIO, gritando de dentro do matto.

Viva! viva! vou mandar minha mãe soltar a outra.

LUIZA.

Pois ! quando sua mãe tem mais precisão de chorar, é que elle mais se alegra !...

SCENA IV

LUIZA, FELIX, dentro da cabana, SEVERO e ROGERIO.

ROGERIO, com uma jandala segura.

Pegou-se uma, minha mãe; a outra, depois de meu pae estar com ella na mão, largou as pennas e foi-se embora. Filhos não havia ; parece que algum bicho os comeu...

LUIZA.

Ah é logar de muito gavião.

ROGERIO.

Oh ! si meu pae pegasse a outra tambem !

LUIZA.

Agora já se pode soltar a que ficou ?

ROGERIO.

Nada, qual ; deixe eu prender esta primeiro. Vou mostra-la ao avôsinho. *(Correndo.)* Não tem nada ; viva ! viva ! *(Entra na cabana.)*

SEVERO.

Ora, tu não me dirás a quem este menino sahio com tanto juízo, assim ?

LUIZA.

Está bom ! Aquillo sabe como uma casa velha... Ah ! Severo, tenho de dar-te uma noticia melhor do que tudo ; teu pae já esteve aqui fóra hoje.

SEVERO.

Que dizes, Luiza ?

LUIZA.

Esteve ; e foi logo perguntando...

SEVERO.

Por mim ?

LUIZA.

Qual por ti ; por seu travessão.

SEVERO.

Meu pobre pae ! (Deitando-se á cabana.) Vamos vê-lo.
(Mal se recolhem, os capitães desceem já encocta, trazendo cordas, etc.)

SCENA V

Os Mesmos dentro e os CAPITÃES.

Um dos CAPITÃES.

Bem disseram que o arrastador vinha dar mesmo na porta.

OUTRO.

É aqui, não tem mais que ver.

OUTRO.

A casa na baixa, dando a frente para uma cachoeira... Ella quasi branca, como o senhor disse.

OUTRO.

As pindobas no fundo... A joeirana... É aqui tão certo...

OUTRO.

A cousa quanto mais pensada melhor sae.

O PRIMEIRO.

Isto é que é. Nós podemos ver bem até nos desen-

ganar ; temos tempo de sobejo. O sol ainda está no meio do ceu. (Regulando a sombra sob os pés.) Não pôde ser mais do que uma hora hora e meia, por ahí assim... A sombra agora é que vae sahindo de debaixo dos pés.

O SECCUNDO.

Arranjem lá o negocio da melhor fórma, com tanto que o braço que eu pegar seja o da fujona.

O TERCERO.

Cada passo que dei para chegar aqui, ha de lhe custar muito caro. Dizem que o tal marido della é branco direito, eu... Quando não possa fazer nada frente a frente, atraz do pé de pau, se faz muito. (Preparando o bacamarte.) Meu tucano cospe fogo até debaixo d'agua.

O QUARTO ao QUINTO.

Vamos, Pedro. O que se deve fazer?

O TERCERO.

Ora, o que se deve fazer... Estoura-se logo isto e acaba-se com tudo.

O SECCUNDO.

Meu irmão, você quer saber ? aqui só se faz o que eu mando. Vamo'-nos esconder até ver a ultima prova.

(Aos outros.) Não acham direito ?

ROG.

O TERCERO.

Certamente.

PEDRO.

Vamos, cada um no seu pé de pão escondido. (Toda a familia.)

O TERCERO.

Estamos aqui como cachorros, esperando que a cotia espirre de dentro da toca, hein, Pedro?

PEDRO.

Não dize nada, não, Procopio; com geito se faz tudo...

ROGERIO, vindo sentar-se no chão com uma galóia com duas jandaías, as quaes começa a dar de comer.

Quero tratar vocês duas muito bem. Mas não de ficar minhas camaradas, ouviram? (Vendo Luiza.) Está vendo, minha mãe? Eu tambem sei tratar de minhas filhizas...

LUIZA.

Então solta-se a que está presa ha mais tempo, ou não?

ROGERIO.

Qual! nesta não caio eu, minha camarada. Pois não! Se fossem tres, ainda, ainda; porem duas só... Eu com ambas, fugindo ou morrendo uma, fico com a outra; e com uma?...

LUIZA, sentando-se.

Rogério, n'uma comparação, si aqui viesse alguem, para te arrancar dos braços de tua mãe e de teu pae e te levar preso comsigo...

ROGERIO.

Eu mataria fosse lá quem fosse; e si não podesse, meu pae estaria ahí.

LUIZA.

Não é isto que eu pergunto; quero saber se tu não havias de chorar sempre com saudades de tua mãe e de teu pae?...

ROGERIO.

Porque vim, pergunta isto?

LUIZA.

Por uma cousa...

ROGERIO.

Nossa Senhora nos acuda, minha mãe; eu não sei mesmo o que seria de mim, quanto mais...

LUIZA.

Então porque não queres soltar a jandaia? Tu sabes si até hoje ella não chora com saudades de sua mãe e de seu pae?

ROGERIO.

Ora ! Pois vnc. quer comparar gente com bicho ? !
Passarinho sabe lá o que é estar preso, nem solto... Si
soubesse não cantaria quando estivesse preso.

LUIZA.

E quem sabe si quando nós pensamos que elle canta,
elle não chora ? Seu canto tem differença de seu
choro ?

ROGERIO.

E mesmo, minha mãe ! Vnc. agora disse direito.
Quem sabe si quando nós pensamos que elle canta, elle
não chora ?

LUIZA.

Depois; Deus Nosso Senhor deitou um mysterio em
cada cousa. Solta a pobre bichinha, anda. A sua
prizão me faz muita pena...

ROGERIO, abetido a gata.

Vou soltar todas duas... Não quero mais saber de
nada. Vão ver suas mães, seus filhos... (Vendo-as voar.)
Viva, viva ! Estão livres !

PEDRO.

Segura a mulata.

Segura !

OS OUTROS.

LUIZA, se atirando com Rogerio.

Meu filho ! (Os capitães afastam Rogerio a custo, e amarram as
mãos de Luiza para traz.)

ROGERIO.

Meu pae, acuda, acuda...

SEVERO, se arrojando de dentro da cabana e estacando

Que quer dizer isto ! ?

PEDRO.

Esta rapariga é captiva do senhor de engenho dos
Bambus.

SEVERO.

Que ! minha mulher captiva ! !... Luiza, tu não des-
mentes este homem ! (Luiza abaixa a cabeça.)

PEDRO.

Ah ! está até de nome trocado !... Ella nunca se cha-
mou Luiza, senhor ; chama-se Mathilde, Mathilde é
que é seu nome.

ROGERIO.

Meu pae, acuda a minha mãe ! Coitadinha ! amar-
rada assim !

SEVERO, comigo.

Captiva ! !... e nunca me dizer nada !...

ROGERIO.

Faça estes homens soltar minha mãe, meu pae !
Aquellas cordas lhe hão de doer muito !...

UM DOS CAPTIVOS.

Isto agora se fia mais fino. Vou até lhe passar mais esta cordinha nos braços, para ella ficar mais á vontade.

SEVERO, mettendo-lhe as mãos, e travando da faca que traz á cinta.

Tenha mão, malvado!

PEDRO, se interpondo.

Nós somos cinco...

ROGERIO.

Eu vou buscar sua espingarda, meu pae...

FELIX, que tem chegado á porta com difficuldade.

Ceus!... Que é isto?!

ROGERIO.

São aquelles homens que querem levar minha mãe como captiva! Veja o que fizeram com ella, avósinho, veja!

SEVERO, ainda comigo.

Era por isto que nunca me quíz contar sua vida!...

ROGERIO.

Faça os homens soltar minha mãe, avósinho!

FELIX, arrastando alguns passos para junto do filho.

Que historia é esta, Severo?!

SEVERO.

É a minha desgraça, meu pae! São os seus cabellos brancos que eu cobri de vergonha...

FELIX.

E meu neto?

SEVERO.

Este só levarão, se me matarem primeiro.

ROGERIO.

E minha mãe, meu pae?...

SEVERO.

Tua mãe!...

PEDRO, a Severo.

Temos ordem de levar tambem este menino.

FELIX.

Levar meu neto?! (Abraça-se com Rogerio. Pedro vai a querer tomá-lo.)

SEVERO.

É meu filho.

PEDRO.

Quem é captivo, não tem pae.

SEVERO, mettendo-lhe as mãos e travando da faca.

Desgraçado!... (Pedro trava tambem da sua, e com elle estretos, investem sobre Severo; e, esperando que este se mova para furtivamente, trocam com elle silhares de coiza. —Quadro— Ficam instantes assim. Severo deixa cair o braço inactivamente.

PEDRO.

Nós somos cinco...

OUTRO CAPITÃO.

Lá vão duas; às tres o diabo os fez...

SEVERO.

Eu não sei onde estava, meus amigos; tenham paciência! tenham pena de mim! A gente nem sempre considera as cousas... Nenhum dos senhores é pae? Olhem ao menos para aquelle pobre velho... Estão vendo o seu estado? Si lhe tirarem este menino, elle não viverá mais um dia! Não é por mim que eu peço já; é por elle. Deixem-lhe o seu netinho; o netinho é o filho do velho. Este menino é que faz a alegria do seu resto de vida; elle o viu nascer, o criou, conta-lhe suas historias; é mesmo mais sua mãe do que aquella que o deitou no mundo. Se lh'o levarem, que será d'elle? *(Felix tenta fallar, os amigos cortam-lhe a voz.)* Vejam; nem pode junctar seu pedido ao meu! *(Limpa os olhos e cede a esperança, vendo os capitães conversarem entre si.)* Ah! já vejo que não levam meu filho; não é, meus amigos? En logo vi que não ha um homem que não se doa de outro. Vá com seu neto, meu pae; vá...

FELIX.

Estes senhores são bons... Vamos Rogerio, vamos...

PEDRO.

Onde vae com o menino, velho? Deixe seu filho; que a cabeça d'elle já não regula. Este menino é a paga do nosso trabalho de vir aqui. *(A Severo.)* Tem dinheiro para dar-nos em seu logar?

FELIX, a'um outro arranco.

Dinheiro!... dinheiro!... E é preciso que um pae dê dinheiro, para não lhe roubarem seu filho!!... *(Cae desanimadamente e expira.)*

SEVERO.

Meu pobre pae... Morto!!... Morto!!...

PEDRO.

Não responde, vamos embora... *(Severo quer fallar.)*

MATHILDE, vindo lançar-se-lhe aos pés.

Não juncto as mãos, porque estão amarradas... Sr. Severo, sei que estou criminosa; não mereço mais seu amor, se doa ao menos de mim!... Não é sua mulher que está a seus pés de joelhos, é Mathilde, a escrava, a infeliz que só tem de seu este filho! Não me tire o unico bem que me ficou nesta vida... *(Severo olha para o cadaver do pae e chora.)* Eu bem vejo que o senhor é bom; deixe meu filho ir comigo...

SEVERO.

Oh! meu Deus! E não se morre no meio d'isto!!.

Bom.

MATHILDE

Tenha pena de mim, sr Severo... Oh! embora me matem, eu não vou d'aqui sem meu filho!..

SEVERO.

Rogério, eu ainda posso vender casa, roça, tudo, até a camisa do meu corpo, para dar a estes homens o dinheiro que pedirem por ti. (Toma-o pela mão.) Queres ficar com teu pae, ou queres ir com tua....

ROGERIO.

Eu quero ir com minha mãe. (Corre para ao pé de Mathilde, furdina na orquestra. Severo, depois de abraçar e beijar o filho, vem para junto do cadaver de Feliz. Mathilde ajoelha-se, beija a mão ao cadaver, e, cobrindo Severo de um olhar expressivo, põe-se á disposição dos capitães.)

PEDRO.

Vamos; siga adiante com o menino.

ROGERIO, em caminho.

Minha mãe, amanha eu posso vir aqui ver meu pae, não posso?

SEVERO, que tem estado a contemplar o cadaver do pae, dirigindo a vista para onde o filho se engobre.

Levaram-me a vida, (designando o cadaver) eis-me só com a morte!

Fim do Prologo.

ACTO I

Sala em casa do barão da Serra-Negra, abrindo no fundo sobre outra preparada para um baile esplendido; porta á direita, e á esquerda janellas dando para um jardim. Tudo na casa revela a pompa do baile.

SCENA I

BASTO e AMELIA.

BASTO.

Estou muito satisfeito, minha filha. A casa não podia ficar melhor. O Bastos vae ter um baile como não espera... Então a sala da dança está de muito gosto: é um ceu aberto! Mas eu é que sei o que isto me custou. Teu padrinho ja deve ter recebido a nossa carta, vamos ver o que responderá... Elle não tem se dado mal em Lisboa. (Senta-se.)

AMELIA.

Si levar a bem meu casamento, ha de por força

tomar em consideração o que lhe pedimos... E sobre o meu *toilette* que acha delle, papae?

BARÃO.

Pois ainda perguntas?! Quem te leva aqui a palma no gosto de vestir-se?... Has de ser a estrella da noite, arrastando todos os corações pelos seus raios, affirmo-te.

AMELIA.

Ja vejo que a lisonja está hoje de seu lado... Então, viu o Bastos?

BARÃO.

Vi; mas isto ás trez horas e que.... na cidade-baixa. O que muito senti foi não poder ir á assembléa ouvi-lo... Disseram-me que esteve admiravel hoje.

AMELIA, sentando-se.

Sobre que fallaria elle?...

BARÃO.

Sobre a extincção do elemento servil, sua questão predilecta. Porem elle malha em ferro frio... Pois o Brasil está lá em condições de viver sem escravos? nem estará nunca?... Um paiz essencialmente agricola, onde não se pode confiar nos braços livres... Mas disseram-me que o homem esteve como nunca... Adeus, sabia que hoje era o baile que lhe vamos dar em ap-

plauso á sua eleição, quiz apresentar-se na festa com mais um laurel alcançado na arena tribunicia: cousas de moço.

AMELIA.

Provavelmente elle havia de notar sua ausencia lá; preveniu-lhe que estava com a palavra.

BARÃO.

Sei d'isto; mas não me foi possivel. Tenho grande quinhão na sua gloria; porem ninguem sabe mais das minhas circumstancias que tu mesma... Si eu não me virasse de dentro para fóra, onde iria parar com este baile? N'outro tempo, ainda, ainda; porem hoje... Sou barão; mas um barão sem dinheiro... Si deitasse-mos n'uma balança eu — o meu titulo, e tu — esses brincos ócos que te servem de enfeite, estou certo que a concha dos teus brincos desceria, e a do meu titulo iria pelo ar. Deixemos de historias; o rapaz prefere a magnificencia do baile á minha presenca na assembléa.

AMELIA.

Oh! papae! para que vim, diz isto? Elle não lhe merece essa injustiça!

BARÃO.

Ainda estás no mundo da lua, filha; has de descer no nosso algum dia; deixa o tempo correr. O que desejo é ver-te casada e feliz. Só o teu futuro é que me

da sérios cuidados; o mais... Em vez de um remorso vivo ao pé de mim, quero ter em tí o anjo consolador dos meus últimos dias... Tão bem que estávamos!... Havia de me tentar o gostinho de ter um título, sem saber que essa loucura baptisada nada mais é que uma fenda praticada no cofre, por onde o dinheiro se escôa sem que presintamos... Ah! si eu soubesse que custava tão caro ser barão!... (Rodar do carro. Levantam-se ambos.)

AMELIA.

Carro! Quem será já?

BARÃO, concertando o feto.

Bem, bem. Agora envolva-se o homem no manto da familia, e apresente-se o barão com grandeza aos olhos da sociedade...

SCENA II

Os Mesmos e o CONSELHEIRO PIRES.

BARÃO.

Pretendem as honras da prioridade na festa, já vejo.

CONSELHEIRO.

Quer me contestar o direito a isto?... D. Amelia, aceite os meus emboras pelo triumpho que seu noivo acaba de obter.

AMELIA.

Obrigada. V. ex. aceite tambem os meus pelo mesmo motivo; é amigo d'elle.

BARÃO, lhe indicando a outra sala.

A casa é de v. ex.

CONSELHEIRO.

Estou muito bem aqui. (Sentam-se.) O nosso amigo deve estar satisfetissimo com sua eleição: foi um verdadeiro triumpho.

BARÃO.

Realmente.

CONSELHEIRO.

Quando o povo quer, é assim; por mais que os homens do poder procurem aterra-lo com suas carantonhas e ameaças, o instincto do reconhecimento fa-lo levar tudo de encontro. E esse instincto nunca se apaga no coração do povo: é seu legado divino.

BARÃO.

E a Bahia procederia de um modo inqualificavel, se o não tornasse a honrar com seu mandato á camara temporaria. Os relevantes serviços que prestou ao paiz e a ella, principalmente, na legislatura passada, deram-lhe titulo á estima publica, e todo o direito á gratidão dos bahianos.

CONSELHEIRO.

E o papel eminente que está representando na assembléa provincial, onde se acham tantos dos nossos mais robustos e esperançosos talentos?... O modo porque se interessa pela grande causa da emancipação, em epocha semelhante?

BARÃO.

Então hoje disseram-me que estive como nunca.

CONSELHEIRO.

Disseram-lhe! Pois não o ouviu hoje?!

BARÃO.

Não pude absolutamente.

CONSELHEIRO.

Ora! Pois deixou de ver a nossa tribuna parlamentar em toda a ostentação da sua opulencia. O homem esteve de um modo indizível, extraordinário!... Nunca ouvi fallar com mais eloquencia e inspiração em minha vida; dir-se-hia que a liberdade lhe havia posto diante dos labios um dos raios scintillantes do seu diadema! (Pausa.) Aquelle tem o futuro nas mãos.

BARÃO.

Creio que minha filha não podia ser mais feliz na escolha de seu noivo... E que me diz do seu poema, v. ex., que é tão entendido em materias litterarias?

CONSELHEIRO.

O seu poema, no meu parecer, é a maior gloria litteraria que o Brazil vae possuir. O vazio deixado em nossa poesia pelo auctor do *Caramuru* está com vantagem preenchido. E se o titulo basta para justificar-lhe o arrôjo da concepção, o bem acabado da obra confirma-lhe a superioridade do talento.

AMELIA, como para si.

America...

BARÃO.

É incontestavelmente um bonito titulo para um poema — *America!* E as trez primeiras letras são tambem as primeiras do teu nome, Amelia.

CONSELHEIRO.

Com effeito! Agora é que dei pela coincidencia. A...me...rica, A...me...lia... Parece que o poeta pretendeu dar á sua gloria o nome da sua noiva.

SCENA III

Os Meusos, o Visconde e a Viscondessa de Ilus.

BARÃO, vindo-lhes ao encontro, ao visconde.

Que milagre foi este? Suppoz que ainda desta vez não fizesse caso do meu convite. As nossas contas

Reo.

ajustar-se-hão um dia; e prometto que hei de ser um credor severo. (À viscondessa.) V. ex. tem em minha filha uma criada das mais obedientes, sra. viscondessa.

VISCONDESSA.

Uma boa amiga, sr. barão.

BARÃO.

Amelia, váe mostrar á sra. viscondessa a outra sala.

SCENA IV

BARÃO, CONSELHEIRO, VISCONDE, HENRIQUE DA COSTA e ARAUJO.

BARÃO.

Oh!... Sr. conselheiro, e sr. visconde, tenho a honra de apresentar-lhes estes dous amigos, o sr. Araujo, pintor distincto, uma gloria da provincia, digo mal, do paiz, e o sr. Henrique da Costa, um dos maiores capitalistas da nossa praça.

VISCONDE.

Eu os conheço ha muito; por isso prescindo da apresentação. Lá o conselheiro...

CONSELHEIRO.

Agora é que tenho a honra de ligar-lhes o nome

á pessoa; e aproveito a occasião para offerecer-lhes os meus poucos prestimos.

HENRIQUE DA COSTA e ARAUJO.

Nós da mesma forma, sr. conselheiro.

BARÃO, váe receber convidados que entram, leva-os até á porta da sala do balé e tornando.

Não sei por que preferem esta entrada á outra, sendo esta peor...

VISCONDE.

Tem nas mãos o remedio; diga aos criados que só recebam convidados pela outra entrada.

BARÃO.

Lembra bem. Dispensem-me por um instante.

HENRIQUE DA COSTA e ARAUJO.

Queres dar um passeio pela outra sala?

ARAUJO.

É-me indifferente.

SCENA V

CONSELHEIRO e VISCONDE.

CONSELHEIRO.

Então é este o tal Henrique da Costa que tambem pretendia a filha do barão?

VICENTE.

Que pretendia e ainda pretende.

CONSELHEIRO.

Ainda pretende?

VICENTE.

Vou até dizer-te mais; se o barão não já cason-a com elle é por causa da opposição que ella tem feito.

CONSELHEIRO.

Que, senhor?!... Bem se diz que este seculo é o vassallo do ouro. E o Bastos já saberá d'isto?

VICENTE.

Si já sabe, não sei. Mas vê qual é o homem da esphera do barão, que deixa um moço nas condições do Bastos, deputado geral...

CONSELHEIRO, ruzando-se.

Com direito a qualquer pasta, logo que suba o seu partido, que o tem em muito...

VICENTE.

E do qual tem sido sempre o leader invencivel no parlamento; com a integridade de caracter de que dispõe, e brilhantes relações, apesar de se lhe desconhecer a familia, para querer casar a filha com outro que

apenas se recommenda pelo dinheiro... E dinheiro que só Deus sabe como foi adquirido.

CONSELHEIRO.

E verdade...

VICENTE.

Eufim, como cada um aprende ás suas custas...

Viz estrepando, de tempo dado a uma dama, atravessando a sala.

Eu vi logo que v. ex. disse ao tal Aranju que já tinha par de proposito.

A DAMA.

Tinha muito que ver eu dançar com o sr. Aranju... Tambem não sei o barão, como, n'um baile desta ordem, deixa que se apresente na sala um pintor a pedir quadrilhas.

O CONSELHEIRO, dando ao sociar para a outra sala.

Si elle é amigo intimo de um dos maiores credores do barão...

A DAMA.

* Pois esse credor que lhe dê pazes. *(Vozes.)*

VICENTE.

Não estás vendo que baile?! Pois o barão se acha em condições de dar um baile como este? D'onde sahio tudo? da bolsa do Henrique da Costa, suppondo que por

este modo virá a conseguir alguma cousa... Bem sabes que quem não pôde andar pelos atalhos, procura o rodeio... Si elle podesse derramar o coração em ouro aqui para seduzir a menina, já té-lo-hia feito.

CONSELHEIRO.

Mas apesar de tudo, não alcançará nada, estou certo.

VISCONDE.

Por ella somente. Aquillo é filha que faz honra a um pae. Eu não conheço, em moça, um symbolo mais perfeito da dignidade e da virtude. *(Amelia apparece ao fundo com a viscondessa de benço dado.)*

CONSELHEIRO.

Ella ahí está; como que veio agradecer-te o elogio.

SCENA VI

Os Mesmos, AMELIA e a Viscondessa.

AMELIA, ao conselheiro.

V. ex. ainda não quiz vir apreciar a outra sala?

CONSELHEIRO.

Fiquei apreciando a bella companhia aqui do amigo. V. ex. já vejo que está muito satisfeito.

AMELIA.

V. ex. não está muito satisfeito tambem?

CONSELHEIRO.

Porque não? Uma festa em hora de um amigo que admiro e estimo como a um filho...

AMELIA.

O que não consinto é que v. ex. leve a noite inteira assim. Quero ter até o prazer de vê-lo dançar na primeira quadrilha, como *vis a vis* de Rogerio, e para o que lhe offereço aqui na pessoa de minha amiga, a sra. viscondessa...

VISCONDE, com ar de riso.

Alto lá: se eu der licença.

AMELIA.

... um par como poucos haverá no baile.

CONSELHEIRO.

Si a sra. viscondessa acha que lhe mereço esta honra...

VISCONDESSA.

Oh! sr. conselheiro!...

CONSELHEIRO, ao visconde.

Não sei porque estas moças gostam de zombar dos velhos. *(Goste entre o R. de parte.)*

VICENTE.

Querem metter-te em camizas de onze varas.

CONSELHEIRO.

E então eu : um pobre velho que está mais no mundo, que o mundo nelle !...

VICONDessa.

V. ex. com isto dá a entender que já se acha enfadado destas cousas... Sem duvida o tem aqui menos um prazer que uma obrigação.

CONSELHEIRO.

Me tem aqui uma e outra cousa, sra. viscondessa. Que alma não gosta de respirar perfumes ?

VICONDessa.

Mas para isso um jardim seria preferivel.

CONSELHEIRO.

Perdôe-me, v. ex. Nestes dias a flor deixa os jardins para passear nas salas.

VICENTE.

Então ! vê como é chibante o conselheiro, minha mulher ?

BASTOS.

Amelia, chegou o Bastos. Visconde, conselheiro,

vamos recebe-lo em commissão. (Letram-se todos, menos Jorge. Ouve-se a musica do lado do jardim tocar o hymno nacional.)

SCENA VII

JORGE e HENRIQUE DA COSTA.

HENRIQUE DA COSTA.

Então, que ha ?

JORGE.

Nada.

HENRIQUE DA COSTA.

Entregaste-lhe a carta ?

JORGE.

Entreguei.

HENRIQUE DA COSTA.

E quanto á resposta, nada ainda ?

JORGE.

Nada...

HENRIQUE DA COSTA, levantando-se.

Ora... Porém não disse coisa alguma ?

JORGE.

Disse o que tem dito das outras vezes; que em quanto tiver o amor do outro...

Ros.

HENRIQUE DA COSTA.

Isto mesmo interessa. Então, viste-a abrir a carta logo, e lê-la ?

JORGE.

Foi recebendo e abrindo logo. O senhor sabe que estas moças são da conta para abelhandarem ; sobretudo nos negocios que bolem cá por dentro... Olhe que pôde vir alguém : dia de festa...

HENRIQUE DA COSTA.

Deixo-te já. Tens idedo de teu amo ?

JORGE.

Não ; mas não quero que ninguém saiba que ando cá embrulhado n'isto.

HENRIQUE DA COSTA.

Ella já saberá que o pae tem mais vontade de casa-la comigo do que com o Bastos ?

JORGE.

Quando eu sei, quanto mais ella. Depois meu amo já não faz segredo d'isto ; não.

HENRIQUE DA COSTA.

O que eu quero é contar contigo. O Bastos tem de retirar-se para o Rio de Janeiro, e na sua ausencia pode-se fazer alguma cousa. É não perderes tempo.

De quem podíamos receiar mais era do Barão ; mas este não se oppõe ; pelo contrario ajuda. Tudo agora só depende da vontade della... Eu estou louco por aquella mulher, Jorge ; e para possuí-la, farei até os mais incríveis sacrificios. Posso contar contigo ?

JORGE.

Pode contar. Pelo senhor hei de fazer tudo, como tenho feito.

HENRIQUE DA COSTA.

Obrigado, Jorge... Si o Bastos soubesse com quem está mettido !... Elle tem a cabeça, eu tenho a bolsa, que é mais poderosa... As idéias não tinem. E se acaso a mulher por quem morro despedaçar a minha esperança, e vier a ser sua, hei de tirar d'isto uma grande desforra ; porque só não farei a elle o mal que não puder... (Dando dinheiro a Jorge.) Pega lá. Serve-me que serás bem pago.

JORGE.

Deus o ajude. Quem dá não é pobre.

HENRIQUE DA COSTA, subindo, e a meia voz.

Ah ! dinheiro ! dinheiro ! tu és a alma do mundo !

SCENA VIII

JORGE, só.

Que traste !... Faz como o caboclo : namora sem a

moça saber. (Tirando uma carta do bolso.) É mais uma que vai augmentar a trouxa que já tenho dentro do baú. (Cheirando-a.) Uhm! como está perfumadinha!... Ora que de asneiras não estão aqui fechadas! Quantos: *Eu te amo!... Tu és uma ingrata!... Antes a morte que uma tal vida!...* Bem; aninhe-se aqui. (Mette-a no bolso.) É por fim de contas a namorada daquelle marreco sou eu: recebo e guardo as suas cartinhas... Louvo-lhe o gosto.

SCENA IX

ROGERIO BASTOS, CONSELHEIRO e o BARÃO.

BARÃO.

Aqui é outra cousa; respira-se mais á vontade. A outra sala está como um forno.

ROGERIO.

Cheia daquelle modo... (Chegando á janella, que dá para o jardim) Aqui até as auras são embalsamadas.

CONSELHEIRO.

Como vamos de poema?

ROGERIO.

Bem; já acabei de corrigi-lo.

CONSELHEIRO.

Não podia dar-me noticia melhor.

BARÃO.

Nem a mim. (O conselheiro o fita com intenção.) Deve leva-lo para o Rio. Não pretende publica-lo agora? (Os pares começam a cruzar na sala, e todos olham para Rogerio, com curiosidade e admiração.)

ROGERIO.

Pretendo; não vejo inconveniente algum em tratar d'isto já. Até porque protesto contra o preceito de Horacio relativamente á publicação de qualquer obra.

CONSELHEIRO.

Pensa muito bem. E quanto ao acolhimento, ha de ser espantoso, não lhe dê cuidado. Isto não só no Brasil, como em qualquer parte onde ainda se admirarem os livros, que são como que o apanagio do espirito humano.

BARÃO.

Praza ao ceu que assim aconteça. Ninguem faz mais votos por isto do que eu. E são muitas as razões para o fazer; os amigos sabem.

CONSELHEIRO.

Seu poema, alem de ser o futuro de um homem, é a maior gloria litteraria de um grande povo. Quando

nada tivesse para merecer-lhe o exito universal, que necessariamente ha de ter, bastar-lhe-hia o assumpto a cuja transcendencia o auctor soube remontar-se nas azas possantes do seu genio... Si Malfilatre tivesse levado a effeito o designio de cantar a America, talvez a sua sombra agora vertesse lagrimas, vendo offuscada a gloria que havia de illuminar-lhe o tumulo.

DARÃO.

Homem ! isto assim á queima-roupa não é lá das melhores cousas.

ROGERIO.

O conselheiro sahio-se hoje com isto... Eu estou seriamente admirado. Nunca o vi tão lisonjeiro...

CONSELHEIRO.

Não, senhor ; não é lisonja ; é justiça. E ainda bem que o amigo diz que nunca me viu assim ! A posteridade que já lhe molda o busto pela elevação na tribuna, ha de medir-lhe o renome pelo alcance da sua epopéa... O homem que como o senhor faz o orgulho de um paiz inteiro está muito acima de quaesquer elogios que lhe queiram entretecer. *(Vendo Henrique da Costa.)* Si não dispõe de uma fortuna mal adquirida ou herdada ; si não mostra um titulo, ou uma commenda que lhe venderam, e que não serve senão para distinguir as nullidades umas das outras ; possui um

thesouro no seu nome, inspira admiração nos caracteres honestos, e tem direito, não a essas honrarias que se dispensam por ahí com os pequenos de hoje ; mas ás que merecem os homens de amanhã, os homens como o senhor, os grandes do futuro !... Um dia ha de chegar ao conhecimento do amigo a significação do valor destas palavras... Tractemos de outra cousa... *(Ouvem-se os preludios da musica.)* Até porque a musica nos adverte que o baile em applauso á sua eleição vae começar... Sr. Rogerio Bastos, creia que ha de encontrar sempre em mim um amigo.

SCENA X

Os Mesmos e o Visconde.

VISCONDE.

Quadrilha, quadrilha, meus senhores ! No tocante ao tempo, estou com Seneca : é o maior thesouro que a natureza fiou dos homens. Por conseguinte não deixemos que elle passe em vão. O entusiasmo da festa deve ir parelha com o motivo patriótico que a inspirou.

ALGUNS CONVIVADOS.

Apoiado, apoiado ! *(Vão-se todos menos dois convidados.)*

SCENA XI

Os dois CONVIDADOS, depois ARAUJO.

PRIMEIRO CONVIDADO.

Não preferes uma rondinha à quadrilha, Gaspar ?

SEGUNDO CONVIDADO.

Isto não se pergunta. Eu não vou aos bailes para dançar, é para jogar. Mas nós só não vale a pena.

PRIMEIRO CONVIDADO, na mesa do jogo baralhando as cartas.

Vamos indo que o numero augmentar-se-ha depois. Bem sabes que não há hoje quem não reze nesta cartilha.

ARAUJO.

Já estão se queimando, não ?

PRIMEIRO CONVIDADO.

Chegas a tempo. Não quizeste dançar ? O cambio está contrario, já vejo.

ARAUJO.

Ora, só achei sem compromettimento uma velha feia, e, não estando para carregar sacco de rugas em salão, puz-me ao fresco. Antes jogar.

PRIMEIRO CONVIDADO, correndo cartas.

Vejamos quem dá... Rei ; é Araujo.

ARAUJO, destando cartas.

Ha vinte mil reis.

PRIMEIRO CONVIDADO.

Comigo. Sou quinas.

SEGUNDO CONVIDADO.

Sou nove, mais dez mil reis ; aceita ?

PRIMEIRO CONVIDADO.

Não ; o que está, está... Quinas de bocca. (Puxa o diabete, e toma o baralho.) Agora tenham paciencia; não o deixo tão cedo. Vou dar dez rondas a fio. (O numero dos jogadores cresce. Destando cartas.) Vês o cordão como vae engrossando aos poucos, Gaspar ? (Tirando as cartas.) Na verdade, é pena haver quem não goste das emoções que aqui se experimentam. A raiva de perder ; o gosto de... ganhar. (Puxando o diabete.) Bem, lá vae uma ; faltam nove...

SCENA XII

Os MEZANOS e MATHILDE.

MATHILDE.

Felizmente entrei sem embaraço. (Tudo lançar-se aos
Reo.

(põe do segundo convidado.) Meu senhor! acenda-me pelo amor de Deus! (suspendem o jôgo.)

SEGUNDO CONVIDADO.

Que foi que lhe succedeu, senhora?

MATHILDE, dando-lhe um papel.

Vinc. veja.

SEGUNDO CONVIDADO, depois de ver o papel.

Tome, tome. (Ao outro.) Vamos adiante. Mathilde recebe o papel, e desliza a chover, cobrindo o rosto com as mãos.)

Os outros PANGLOSS, ao segundo convidado.

Que é que quer ella?

SEGUNDO CONVIDADO.

Ora! subscrição para alforria... (Continuam a jogar.)

PRIMEIRO CONVIDADO.

Que empreitada!.. A occasião é má, minha filha... E o tempo ainda peor. (Pachando dinheiro.) Lá vão quatro, faltam seis... Querem ver que o prognostico se verifica sempre... Mas nada como o Gaspar tracta-la por senhora. Ah! ah! ah!.. (Um quanto os parceiros virem em que se trata de ir, a Mathilde.) Estou deveras com muita pena de ti... Esta cartada é á tua sante. (Pachando dinheiro.) Então! A senhora do Gaspar teve boa cabeça... Vamos; faltam só cinco para a conta, demandas cartada? E ella é

quasi branca! O titulo de *senhora* não foi lá muito mal cabido; não.

SEGUNDO CONVIDADO.

Hoje estás em maré de gosto: tudo te agrada. É muito bom quando se ganha no jôgo. Mas olha que ellas dão e tiram... Tornei a perder!.. (A Mathilde, que tem dobrado o pranto.) Rapariga, vá azoinar o diabo com seus soluços. Empurre-se d'aqui. (Mathilde levanta-se e foge do parte chorrendo.) Que caiporismo damnado!..

PRIMEIRO CONVIDADO.

Pois fazes isto com tua *senhora*, homem!

ARAÚJO, a Mathilde, desdenhando o primeiro convidado.

Atraca-te com aquelle moço que parece ter sympathisado contigo, e está hoje um felizardo.

PRIMEIRO CONVIDADO.

Deixa esses rasgos para o teu pínzel.

SEGUNDO CONVIDADO, que tem ido a fazer da banca e tem ganho, a Mathilde.

Tu de quem és escrava?

MATHILDE.

De sr. Antonio Ribeiro.

SEGUNDO CONVIDADO.

Mas só tens um senhor? (As cartas já estão em mão do outro.)

MATHILDE.

E vme. ainda acha pouco um ?

HENRIQUE CONTINADO.

Sem duvida... Olha, és mais feliz que eu; porque tenho um em cada papelaosinho destes, que vês aqui. Queres trocar por meu vicio teu captiveiro ?

MATHILDE.

Ainda uma zombaria!... E eu pensando que era uma esperança que me queriam dar !

HENRIQUE CONTINADO, levanta-se do jogo, conta o dinheiro que ganhou, guarda-o, e faz tfo com dez tostões em cima de Mathilde.

Pega lá ; si não te chegarem estes dez tostões para a alforria, compra uma corda para te enforcares, que ainda ficas com dinheiro.

MATHILDE.

Pois só porque eu sou captiva, é que mereço isto tudo, meu senhor ? !...

HENRIQUE CONTINADO.

Ah! ah! ah!... Como ficou vermelha com a pilheria, homem !

MATHILDE.

E para vme. ver que quem é captivo tambem tem coraço e tem alma... E nem ao menos a minha pelle é

mais preta um bocadinho, para que vme. deixasse de ver este sangue que subiu a meu rosto, e não escarnecesse delle !... (Neste interm a quadrilha tem terminado, e os pares que chegam vham admirados para Mathilde, que se prostra de joelhos, exclamando.) Quando todos me desenganam na terra, não acharei consolação em vós, meu pae do ceu, que morrestes na cruz por nós todos ? !

HENRIQUE CONTINADO, mostrando Mathilde de joelhos no meio da sala, ao barão, que entra com Henrique da COSTA.

Não acha um excellente assumpto para o pñcel do Arujo enriquecer uma téla, sr. barão ?

BARÃO.

Porem que quer dizer isto ? !... É alguma maluca ?

MATHILDE.

Não, meu sr. barão ! é uma escrava que veio pedir esmola para sua carta de liberdade e torna a ir-se embora. Meu senhor queira me perdoar, se fiz mal...

BARÃO.

E vossê não achou outro dia para isto ? (Mathilde quer falar.) Pelo que vejo quer ficar a trocar palavras comigo, não? Ora tracto de se pôr na rua, ande. (Mathilde o rezende.) Mando arrasta-la pelas escadas !... Suma-se da minha vista.

HENRIQUE DA COSTA, olhando a saída a Mathilde.

Perdê-me, sr. barão; ella não podia ter occasião mais opportuna para tal fim. Na festa em honra de orador tão illustre e festejado; (destina Rogério, que entra, dando o braço a Anella) de um homem que, nesta epocha, se esforça pela extincção dessa iniquidade social; acho não só justo, mas até de dever, dar-se a grande esmola da liberdade a uma creatura que a pede.

Todos.

Apoiado! Muito bem! (O rosto de Mathilde se illumina de alegria.)

HENRIQUE DA COSTA.

E eu, (toma a Mathilde a subscripção) para mostrar que estou possuido d'aquillo que digo, rasgo semelhante papel, (traz a subscripção) e proclamo livre esta infeliz, me obrigando a dar ao seu senhor a quantia que exigir por ella. É o meio melhor que vejo para perpetuarmos a lembrança do dia de hoje.

Todos.

Apoiado! Muito bem!

ROGERIO.

Sr. Henrique da Costa, acções taes são a recompensa de si mesmas. Consinta que n'um abraço eu resuma o que podia dizer em relação ao que acaba de praticar em meu nome. (Abraça-o.)

Todos.

Bravo! bravo!

MATHILDE, se lançando aos pés de Henrique da Costa, que a sustem.
Meu senhor!...

HENRIQUE DA COSTA, lhe indicando Rogério.

Está ali a quem vossê deve agradecer; foi elle que a tirou do captiveiro.

MATHILDE, encarando Rogério.

Meu Deus! (Todos olham-na, a musica rasga, o tremor nacional, que o punho.)

Fim do Acto I.

ACTO II

Sala de luxo em casa do barão da Serra-negra.

SCENA I

JORGE, só, preparando a sala.

Na verdade, ha cousas neste mundo que fazem cair o queixo até ao diabo !... Olhe que estes meus senhores grandes tem que se lhes diga !... Ainda outro dia meu amo fazia uma função como aquella, em honra de sr. Rogerio, porque estava para se casar com a filha e tal; agora, só anda procurando brecha para arredar o moço e ver se encarta o sr. Henrique da Costa com a filha... Que querem : dizem que este possui as casas da India ! é rico ; o outro é pobre... Um barão fazendo destas ! Antes nunca passar de criado... E ainda a boba da Francisca vir me perguntar com que cara ficará o

Boa.

nosso amo, quando sr. Rogerio vier a saber d'esta pouca vergonha toda ! Forte pateta ! Se os figurões mudassem sempre de cara, pelo que fazem, então ja nenhum tinha cara.

SCENA II

O Mesmo e ROGERIO.

ROGERIO.

Está ahi o barão, Jorge ?

JORGE.

Não, senhor; saiu.

ROGERIO.

Iaiá Amelia ?

JORGE.

Ja vem : eu vou chama-la... Então v. s. está para nos deixar, não ?

ROGERIO.

É verdade.

JORGE.

Ja vejo que por este anno não terei mais o prazer de ouvir v. s. fallar na assembléa. Eu que tanto gostava de dar meu bravosinho tambem a v. s... E v. s. pretende demorar-se muito na córte ?

ROGERIO.

Não ; uns quatro a cinco mezes.

JORGE.

Ah !... V. s. pode ficar certo que nunca mais hei de me esquecer do grande favor que v. s. me fez de tirar meu irmão da praça, depois de ter jurado bandeira. Um criado de nada pode servir, para outras pessoas, quanto mais para um moço como v. s... Mas se alguma vez precisar de seu mulato velho ao menos para servir a um chá, ou engraxar-lhe os botins....

ROGERIO.

Basta-me a sua amizade, Jorge. Vá ver iaiá Amelia, ande.

JORGE.

Sim, senhor.

SCENA III

ROGERIO, só, pouco depois AMELIA.

ROGERIO.

Vou estar ainda a sós com ella, antes de partir... Devo ou não revelar-lhe o segredo da minha condição ? Ninguém sabe d'elle ; só eu. Sabia-o tambem minha mãe; mas esta já não existe.... Oh ! como é terrivel esta

lucta travada ha muito comigo mesmo! Devo ou não dizer aquella mulher que eu sou um liberto?... Continuará ella a amar-me com o mesmo fervor e pureza?... Quem sabe!.. Oh! mas não é um acto meu! um crime que eu praticasse! É tudo obra de uma sociedade mal entendida, dominada pelo preconceito!... Não, nunca revelarei a ninguem semelhante segredo. Guarda-o, coração.

AMELIA.

Rogério!

ROGERIO.

Amelia!

AMELIA.

Desculpa não vir logo que soube que estavas aqui.

ROGERIO.

Teu pac saiu, já m'o disse Jorge. Quinta-feira é que deve estar aqui o vapor. *(Sentam-se.)*

AMELIA.

Ah! não é amanha?

ROGERIO.

Depois.

AMELIA.

É um riso de mais em desconto de tantas lagrimas.

ROGERIO.

Estás com os olhos tão inflammados; que é isto? Estiveste chorando, já sei. Queres anticipar os martyrios da ausencia, não? *(Amelia gستا a chorar.)* Não chores, Amelia! não desbotes com a lagrima o setim das tuas faces! Pois já não me tens provado de mil modos diversos a tua constancia, a pureza do teu amor? Deste amor que faz a alegria da minha vida; o ideal da nossa felicidade! Não chores; quatro mezes depressa se passam; até porque a vontade tem o poder de accelerar o curso do tempo. Eu vivo descansado no teu amor... Toma, enxuga neste lenço as tuas lagrimas: é minha alma que as vac beber. *(Chega-lhe um lenço aos olhos.)*

AMELIA, afastando o rosto.

Não faças isto; são do coração; si as não deixar correr, elle pode afogar-se nellas.

ROGERIO, rasgando um papel.

Assim, ja não poderei partir.

AMELIA.

Que fazes, Rogério?! Que papel é este que rompestes?

ROGERIO.

É o meu bilhete de passagem: ja não vou mais neste vapor.

AMELIA.

Um sacrificio !

ROGERIO.

Es digna delle.

AMELIA.

Não ; eu não quero que difiras a tua viagem, Rogerio. O homem em caso algum tem razão para sacrificar o dever. Agora sou eu que te ordeno que partas ; antes de tudo, o dever.

ROGERIO.

Mas o amor tem tambem os seus direitos.

AMELIA.

Sei ; porém os da patria são mais sagrados. Si eu concorresse voluntariamente para que deixasses de velar um só dia, uma hora, um instante, pelos destinos do teu paiz, nesse logar onde o povo te collocou, seria complice de um crime, e me havia de pungir sempre um grande remorso. Assim, te ordeno que partas, e deves partir.

ROGERIO, levantando-se.

Bem... Eu partirei, Amelia... A consciencia acaba de me fallar por teus labios ; depois minha vontade não pode se oppôr á tua. Quanto ao papel que rasguei é facil obter outro... Adens.

AMELIA, o mesmo.

Que fazes ?

ROGERIO.

Cumpro a tua ordem ; parto.

AMELIA.

Mas não disseste que o vapor não tinha chegado ainda ?

ROGERIO.

Não chegou o inglez ; porem no porto ha um nacional que vae hoje para o Rio, e na anticipação da viagem creio provar melhor o quanto sou submisso ás tuas ordens.

AMELIA.

Rogerio, para todo o rosto é facil encontrar mascara que se ajuste nelle, que lhe transforme as feições ; porém o coração é sempre o coração ; ninguém encobre o que sente. Essas palavras que acabaste de proferir, com uma frieza e indifferença que não te é habitual, caíram-me pesadas n'alma. Si a suspeita, como uma serpente, se enrosca em teu coração, si duvidas, se receias de mim alguma coisa, podes dizello. Eu saberei ser franca ao unico homem que jurei amar á face do céu e da terra ; na vida e na morte.

ROGERIO.

Dividei de ti um momento : foi um sonho de que

ja acordei; perdôa-me... Eu uscí da franqueza; sê generosa para comigo! perdôa-me!

AMELIA.

Rogério duvidar de mim! de sua noiva! da mulher que ama-o com tanta pureza!... Ah! mas isso não passou de um devancio, de um delirio, não?

ROGERIO.

E podia ser outra cousa, Amelia? Ja não pedi-te perdão?... Foi apenas o mysterio das tuas lagrimas que me levou a isto.

AMELIA, sentando-se e Rogério tambem.

Agora ouve-me. Nem tudo se guarda muito tempo no coração; a essencia forte pôde despedaçar o vaso que a contém. Sabes que ha um homem que nos persegue no mundo? Um homem no qual parece que o nosso mau anjo se encarnou, para envenenar todos os momentos felizes que o amor nos promettia? Que quer nos fazer desgraçados?

ROGERIO.

Ah! comprehendo; era por isto que choravas. E quem é este homem, Amelia? Oh! dize-me.

AMELIA.

Este homem tu o conheces; mais do que isto: já

o chamaste publicamente teu amigo; já o abraçaste com effusão de prazer...

ROGERIO.

Oh! (Levanta-se.)

AMELIA.

Não te inquietes, Rogério. Este homem diz que tem duas mãos de ouro para quebrar as mais poderosas vontades; mas toda a sua riqueza não ha de chegar para comprar o coração daquella que te ama. Elle se illude; o amor só tem um preço possível — é o proprio amor. Deixa-o vir, deixa-o derramar seus thesouros a meus pés; quando me fallar em amor, hei de apontar para esse montão de dinheiro, e dizer-lhe bem alto: No pedestal da tua miseria colloco o odio que te consagro!

ROGERIO.

Será possível!... Amelia, o nome deste homem? Nada senão seu nome! Seu nome?!

AMELIA, levantando-se.

Henrique da Costa.

ROGERIO.

Henrique da Costa!! Porém...

AMELIA.

Tudo aquillo que fez na noite do baile em honra

tua, não passou de uma farça onde quiz ter a gloria do primeiro papel, para se elevar aos meus olhos, que o detestam, que tem repugnancia em fita-lo.

ROGERIO.

Oh ! homens cynicos ! que, conscios do que são e do que valem, procuram até encobrir a torpeza dos crimes com a apparencia das acções magnanimas ! E o mundo, que ja tem em nada tudo o que não são estas miserias, compraz-se em erigir altares ás falsas virtudes, que, mesmo para se mostrarem, roubam ás verdadeiras o seu esplendor !

AMELIA.

E se eu te dissesse que este homem prorompeu até pela audacia de pedir-me a meu pae em casamento, sem consultar a minha vontade ! ?

ROGERIO.

Sim ; mas teu pae...

AMELIA, com lagrimas no rosto.

Ai ! meu pae disse que havia de fazer tudo para casar-me com elle !

ROGERIO.

Então elle é um... É teu pae.

AMELIA.

Sim ; contra meu pae nem uma palavra, Rogerio ! Apesar de tudo, elle é meu pae.

ROGERIO.

Mas que dizes, a respeito d'isto, Amelia ?

AMELIA.

Que o coração, uma vez dado, nunca mais se toma ; que outrem não será meu esposo, senão tu, Rogerio.

ROGERIO.

Obrigado, Amelia. Amanhan o matrimonio acabará a obra do amor. *(Vende o relógio.)* Não ha tempo a perder. Adeus. *(Retira-se apressado. Amelia fica pensativa. Ouve-se rodar de carro. Pouco depois entram Henrique da Costa e o Barão.)*

SCENA IV

AMELIA, o Barão e HENRIQUE DA COSTA.

HENRIQUE DA COSTA.

D. Amelia...

AMELIA.

Sr. Henrique da Costa...

Barão.

Amelia, o visconde da Ilha vai sempre hoje para o Rio de Janeiro. Acho bom que vamos ao seu embarque, que é agora. Devemos ir quanto antes. Esse traje mesmo com que estás é sufficiente. A casa é sua, sr. Henrique. Querendo ficar ou acompanhar-nos...

HENRIQUE DA COSTA.

Fico, sr. barão.

BARÃO.

É verdade, Amelia. Sabes quem nos fez hoje uma grande surpresa ?

AMELIA.

Yme. vai dizer.

BARÃO.

Este homem : comprou esta casa e no-la offereceu ! Que achas de semelhante rasgo de generosidade ?

AMELIA.

Não quer ir logo ao embarque do seu amigo, meu pae ?

BARÃO, a Henrique da Costa.

Voltamos ja. E vamos até no seu carro, si nos dá licença.

HENRIQUE DA COSTA.

Oh ! sr. barão...

AMELIA.

Sr. Henrique da Costa...

HENRIQUE DA COSTA.

D. Amelia...

BARÃO, vindo com a filha.

Elle estendeu-te a mão; não reparaste talvez.

SCENA V

HENRIQUE DA COSTA, só.

Pobre criança !.. Suppoz que não dei pela recusa da mão. Ora... ainda não sabê de que o dinheiro é capaz. Hoje m'a recusou ; amanha m'a venderá ; se não por si, ao menos pelo pae.

SCENA VI

O Mesmo e JORGE.

JORGE.

O senhor por aqui !

HENRIQUE DA COSTA.

É verdade ; deixei até de acompanhar o barão para poder fallar-te. Então, que ha ? (Senta-se.)

JORGE.

Nada... Eu já não sei o que faça. A boa da menina é de se lhe tirar o chapén.

HENRIQUE DA COSTA.

Entregaste-lhe a carta ?

JORGE.

Si entreguei... Pois havia de ficar com ella ?

HENRIQUE DA COSTA.

E quanto á resposta ?

JORGE.

Nada... por ora.

HENRIQUE DA COSTA.

É de mais !... Sempre a mesma cousa !... Pois nem se quer um raio de esperança !... *(Cosa a mão no coração.)* E a chamma cada vez mais intensa ! *(Levantando-se.)* Não importa... A lucta é que faz o triumpho. Resiste ?... É resistencia de mulher. Quer vender-se mais cara : filha de um barão... Eu chegarei ao preço... Mas o Rogerio ? ! Se ao menos pudesse dar cabo de um rival de tal ordem...

JORGE.

O que ? !.

HENRIQUE DA COSTA.

E a respeito daquella minha acção da noite do baile, ella disse alguma cousa, Jorge ?

JORGE.

Então. Pôz o senhor nas nuvens. Aquillo era para menos ?... O senhor sabe dar bom geitinho ás cousas ande lá.

HENRIQUE DA COSTA.

Mas não fosse ella suppor que fiz aquillo lá por consideração a alguém, e não para me engrandecer a seus olhos...

JORGE.

Vejo que não obrei mal então em lhe dizer que o senhor fez aquillo so por ella...

HENRIQUE DA COSTA.

Ah ! disseste-lhe ? Bem, bem. Eu quero mesmo ir me insinuando em seu coração pouco a pouco.

JORGE.

Devagar vai-se ao longe.

HENRIQUE DA COSTA.

Que importava cá a mim que a tal rapariga levasse toda a vida no captiveiro ?... Mais alvas que ella tenho na cosinha, e ainda não deliberei-me a alforriar nenhuma.

JORGE.

E como vai ella mesmo ?

HENRIQUE DA COSTA, sentando-se.

Está lá atirada para um canto. Amanhece e anoitece chorando... Como só a chamo para uma cousa ou outra...

JORGE.

Era justamente o que ella fazia, quando esteve aqui aquelles dous dias, depois que o senhor a forrou. Volta e meia estava chorando... O que me parece é que ella tem algum desarranjo na bola. Não está lembrado do retrato do sr. Rogerio, que meu amo tem no gabinete?

Pois uma feita, eu ia passando, e vi-a com os olhos tão compridos... para o retrato, só dizendo : Oh ! a maneira de olhar, a testa, o nariz, é mesmo que tirassem delle e botassem neste moço !... Depois entrou a chorar como uma criança, e gritou : Ah ! filho ! quando te tornareí a ver ?

HENRIQUE DA COSTA.

Jorge, como que ha n'isto algum mysterio.

JORGE.

Qual mysterio, senhor ! É que a mulher ja não regula.

HENRIQUE DA COSTA.

Não... Ja outro dia ella me perguntou si eu conhecia bem o Rogerio... Façamos uma cousa. Mathilde tem de vir aqui trazer-me a resposta de uma carta ; eu vou buscar o retrato, colloco-o de modo que se o possa ver bem ; puxo por ella, e, conforme a impressão que a vista do retrato produzir em seu espirito, havemos de saber o que ha.

JORGE.

É bem pensado. O senhor ha de ver como ella fica logo que avistar o retrato.

HENRIQUE DA COSTA.

Vamos tractar d'isto. *(Vae buscar o retrato.)*

JORGE.

O que me parece é que você tem menos juizo

ainda que ella, meu namorado das duzias. Quando nada, é mais um meio de ir me montando no seu cobre. Deixe estar ; eu lhe farei as contas. *(Henrique da Costa vem com o retrato, colloca-o em cima de uma mesa, e senta-se junto. Jorge examinando.)* Está muito bom assim. *(Destacando-se ver Mathilde.)* É meu amo até agora !

SCENA VII

Os Mesmos e MATHILDE.

MATHILDE.

Ja fui, meu senhor.

HENRIQUE DA COSTA.

Vem mais para perto. Como se falla de tão longe assim ? *(Mathilde aproxima-se, e, dando com a vista no retrato, mostra-se logo impressionada.)* Então, achaste-o em casa ?

MATHILDE, olhando da vez em quando para o retrato.

Achei-o, sim, senhor ; porém disse... que hoje não podia responder...

HENRIQUE DA COSTA.

Deixa-nos um instante, Jorge. Amanhan havemos de ter outra cartinha, ouviste ?

JORGE.

Bem ; e deixe estar que será entregue... como as outras tem sido.

SCENA VIII

HENRIQUE DA COSTA e MATHILDE.

HENRIQUE DA COSTA.

Qual a razão de te impressionares com a vista deste retrato ? Já outro dia perguntaste-me si conhecia bem o Rogerio... Ha aqui o que quer que seja mysterioso que eu queria m'o explicasses. Se ha alguma coisa, sé franca. Eu não já livrei-te do captiveiro ? Assim, posso fazer tambem com que vejas teu filho.

MATHILDE.

Não, meu senhor ; não ha nada. É que eu não posso olhar para este retrato, sem que me lembre logo de um filho que me arrancaram dos braços, com idade de cinco annos ; porque a testa, o nariz, a maneira de olhar deste retrato, é mesmo que tirassem de meu filho, e botassem nelle. Meu pobre filhinho ! que queris tanto a sua mãe ! *(Lança os olhos.*

HENRIQUE DA COSTA, sentando-se.

E que fim deram-lhe, sabes ?

MATHILDE.

Venderam ; e a pessoa que o comprou, o levou para fóra da terra.

HENRIQUE DA COSTA.

Sabes para onde ?

MATHILDE.

Para o Rio de Janeiro.

HENRIQUE DA COSTA.

Que idade tinha elle, quando foi vendido ?

MATHILDE.

Cinco annos.

HENRIQUE DA COSTA.

E em que freguezia baptizou-se ? Sem duvida, em alguma lá do sertão...

MATHILDE.

Não, senhor ; baptizou-se aqui na freguezia de S. Pedro Velho. Baptizou-se... tomou só *Senctos Oleos*; porque baptizado ja elle tinha sido em casa, quando esteve muito doente em pequeno, que não sei Deus porque não o levou logo !

HENRIQUE DA COSTA.

Não chores ; que motivo ha para isto ?

MATHILDE.

Que motivo ? L.. Ah ! parece que ainda mesmo eu morta, hei de chorar por não ver meu filho... Hoje sou livre, graças ao bom coração de meu senhor; porém estimo mais minha liberdade para poder ir pelo mundo fóra procurar meu filho, que mesmo pelo que ella vale. Si não fosse elle, que me importaria levar toda a vida no captiveiro ?

HENRIQUE DA COSTA.

Vamos ao que serve. Que nome tinha o teu primeiro senhor ?

MATHILDE.

Chamava-se André Rodrigues... Si vnc. quer, eu lhe conto logo minha historia toda. A vnc. eu posso conta-la.

HENRIQUE DA COSTA, sentando-se.

Pois não. Vamos a ella. Desejo até muito ouvi-la.

MATHILDE.

Meu primeiro senhor chamava-se André Rodrigues, senhor do engenho dos *Bambás*. Era homem tão mau que só faltava engolir os escravos. Uma feita, porque não quiz satisfazer aos seus intentos, me mandou pôr no tronco por uma semana, comendo uma vez no dia ! Ainda ahí elle foi me procurar, disse mil cousas, pro-

metteu o que ponde ; mas eu apenas lhe respondi que, para elle, meu coração estava tão preso como meu pé. Não foi nada, não, meu senhor ! Do tronco mandou que me amarrassem em um carro, e, depois que me matassem de pancadas, lhe levassem o chicote enso-pado de meu sangue, para pendura-lo na cosinha.

HENRIQUE DA COSTA.

Que barbaridade !.. Afinal...

MATHILDE.

Os que iam cumprir suas ordens, compadecendo-se de mim, lhe levaram o chicote cheio do sangue de um cão, que mataram em meu logar, e me disseram que fugisse quanto antes. Fugi, e fui esbarrar la pelo sertão, onde achei um homem branco que casou comigo. Delle é que tive esse filho. Vivia ahí muito feliz. Mas; quando menos esperava, quatro capitães do matto foram me agarrar, e me levaram para o poder de meu senhor. Quanto a meu marido, soube depois que morreu de desgosto... Ah ! meu senhor ! este coração é uma ferida !..

HENRIQUE DA COSTA.

Acaba, acaba.

MATHILDE.

Eu vou acabar mesmo ; porque isto me custa

muito... Sabe vnc. qual foi o castigo que o dito meu senhor teve desta feita para me dar ? Passou a mão em meu filho, e o vendeu para longe de mim !... Esse castigo eu não conhecia ainda...

HENRIQUE DA COSTA.

Depois ?

MATHILDE.

O homem que comprou meu filho o levou para fóra da terra. Como não tinha filhos, tomou uma affeição tão grande ao menino, que lhe mandou logo ensinar a ler ; o que elle, como sempre teve bóa memoria, aprendeu n'um instante. Ainda até uns tempos, levei sabendo d'elle. Depois...

HENRIQUE DA COSTA.

Como chamava-se esse senhor de teu filho ?

MATHILDE.

O seu nome mesmo eu nunca soube; mas elle era conhecido aqui por *Porta franca*, *Porta franca*. Era negociante muito forte ; depois quebrou e foi para o Rio de Janeiro.

HENRIQUE DA COSTA.

O negociante que tivemos aqui com esta alcunha, chamava-se Joaquim Bastos... *(Com a mão na fronte.)*

Ah !... *(Levantando-se.)* E em seu poder é que teu filho foi baptisado ?

MATHILDE.

Foi, sim, senhor.

HENRIQUE DA COSTA.

Sabes ha que tempo não vês teu filho ?

MATHILDE.

Ha vinte e seis annos.

HENRIQUE DA COSTA.

Então hoje elle deve estar com seus... trinta e um annos seguramente, não ?

MATHILDE.

Ha de andar por isto mesmo. Vnc. quer ver a sua certidão de idade ? Eu a trago sempre comigo.

HENRIQUE DA COSTA.

Tens a sua certidão de idade ? ! Então podes dizer que ja viste teu filho. Dá-m'a.

MATHILDE, tira de sua coadão que traz ao pescoço a certidão de-
trinta, como um breve, e, depois de chega-la aos lábios, entrega-l'a.

Ah ! si vnc. me fizesse mais este beneficio !. Morto ou vivo, eu quero ver meu filho, e morrer depois.

HENRIQUE DA COSTA, depois de ver a certidão.

Está tudo arranjado... Podes dizer que ja viste teu

filho. Deixa o negocio por minha conta. Vae-te embora.

MATHILDE, se ajoelhando.

Deus é quem ha de lhe pagar tudo isto, meu senhor.
(Saindo.) Este moço foi a felicidade que eu encontrei.

SCENA IX

HENRIQUE DA COSTA só, vendo a certidão.

Não pode ser outro; está comprehendido. O senhor morreu, tomou-lhe o nome. Foi baptisado com cinco annos, ha vinte e seis que a mãe não o vê; vinte e seis e cinco trinta e um... É justamente o que elle parece ter... Depois, a circumstancia de ter vindo do Rio de Janeiro, e não se lhe conhecer a familia. Não pode ser outro. (Fechando na mão a certidão.) Como se comprime na mão o destino de um grande homem! Rogério Bastos um liberto!.. Agora sim; estou como quero. Removido o maior obstaculo, não ha mais nada que faça Amelia deixar de ser minha... Oh! minha!

SCENA X

O Mesmo e JORGE.

JORGE.

Então, como correu o negocio?

HENRIQUE DA COSTA.

Da melhor forma. Leva o retrato depressa, que o barão não pode tardar. (ouve-se rolar de carro. Jorge leva o retrato.)

SCENA XI

O Mesmo, BARÃO e AMELIA.

BARÃO.

Dei-lhe uma reverenda massada, não?

HENRIQUE DA COSTA.

Qual, sr. barão.

BARÃO.

Negocios de viagem... E não fomos a bordo! Amelia, fica conversando com o meu amigo, que eu ja volto. (A Henrique da Costa.) A casa é sua.

SCENA XII

AMELIA e HENRIQUE DA COSTA.

HENRIQUE DA COSTA.

Ainda bem que estamos sós, D. Amelia! Apesar de não ter querido responder ás minhas cartas...

AMELIA.

Responder ás suas cartas !.. E o senhor tom-me escripto ? !

HENRIQUE DA COSTA.

Isto mesmo é uma prova da nobreza dos seus sentimentos. E aquelle que promette consagrar-lhe existencia e fortuna...

AMELIA.

Sr. Henrique da Costa, isto é uma declaração, e eu não estou aqui para ouvi-la.

HENRIQUE DA COSTA.

Faz bem, D. Amelia. E mal sabe v. ex. que considero a virtude a mais radiante coroa da belleza. E mais um modo de duplicar o seu merecimento, de afervorar a paixão que me inspirou. Eu tenho feito tudo, para valer alguma coisa a seus olhos; sacrifico-lhe até a vida; mas dê-me o seu amor! oh! ame-me!... (Vae se ajoelhando.)

AMELIA.

Isto é ridiculo no senhor.

HENRIQUE DA COSTA.

Seu pae provavelmente ja informou-a das minhas intenções; eu tenho em meu favor a vontade delle, e isto é muito.

AMELIA.

Senhor, a ausencia de meu pae não é razão, para que deixe de proceder do modo por que procede-se na casa de uma familia honrada. Se continua, retiro-me.

HENRIQUE DA COSTA.

Accito a lição de civilidade, minha senhora; mas permitta-lhe observe que esse homem por quem trata-me desse modo, é indigno de v. ex. Elle não pode, ainda querendo, fazer parte da sua familia, uma das mais importantes da provincia, como sou o primeiro a reconhecer... O passado é que faz o presente do individuo.

AMELIA.

O passado!

HENRIQUE DA COSTA.

Sim, o passado; isto com que ninguem se importa, com que poucos contam; e que, as mais das vezes, orgue-se inopinadamente, como espectro de destruição, para dar em terra com os mais bem projectados planos, e desfolhar uma a uma as mais virentes e caras esperanças!... Si en, em vista da deferencia com que seu pae me distingue, da posição que occupo na sociedade, da familia a que pertenço... de dirvito, e da fortuna de que disponho, provar-lhe, de uma maneira que v. ex. nem imagina, que esse homem, a quem

ama com tanto amor, não tem um passado, não tem uma familia, não tem nem mesmo um nome, porque aquelle que traz foi descravado da pedra de um tumulo; promette ser minha esposa?

AMELIA.

Nunca! Até aqui, ninguém pode ainda descobrir uma nodoa na reputação desse moço; pelo contrario, todos lhe assignalam um lugar muito distincto entre as pessoas mais consideradas no paiz; e quando ao senhor fosse possível fazer isto, representaria um papel degradante, tristissimo! e o homem capaz de uma baixeza, seria ainda mais indigno do meu amor!

HENRIQUE DA COSTA.

E si seu pae a obrigasse?

AMELIA.

A prepotencia pode desenvolver o odio; porém nunca engendrar a affeição... Demais, não consinto que o senhor faça semelhante juizo de meu pae. Que ao menos a nobreza de meu sexo o obrigue a respeitá-lo em minha presença. O senhor acaba de praticar uma insolencia.

HENRIQUE DA COSTA.

Uma insolencia!...

AMELIA.

Sim; uma insolencia! Meu pae tem dignidade bastante...

HENRIQUE DA COSTA.

Engana-se, minha senhora. Já não n'a tem desde o dia em que a sua vontade ficou fechada n'uma letra em minha gaveta.

AMELIA.

Injuria-me! E meu pae não estar aqui!

SCENA XIII

Os Mesmos e ROGERIO.

ROGERIO.

Porém estou eu, Amelia. (Atira-se sobre Henrique da Costa Amelia e detém.) O senhor é um miseravel.

HENRIQUE DA COSTA.

Ainda hontem, abraçava-me como amigo; hoje, mimoséa-me com o epitheto de... miseravel!...

ROGERIO.

É que o cynismo tambem pode apanhar uma ponta do manto da virtude, para, envolvido nella, iludir os incantos, e receber louvores a que só a virtude tem imprescriptivel direito.

SCENA XIV

Os Misuos e o Barão.

Barão.

Que é isto, meus senhores?! Estas scenas em minha casa! E na presença de minha filha! na presença de minha filha!

ROGERIO.

Sinto profundamente, sr. barão, ser eu o motivo por que ellas se decem. (O barão quer fallar.) Ouça-me v. ex. Até aqui, só esperava ver decidido um futuro, que me parecia duvidoso, para realisar o meu casamento com a filha de v. ex. Porém logo que circumstancias tão imprevistas me levam a mudar de resolução, communico ao sr. barão que amanha um ministro dos altares consagrará minhã eterna união com a sra. D. Amelia.

Barão.

Mas...

ROGERIO.

Perdoe-me, sr. barão... Não faço mais do que apressar o comprimento da palavra que dei a v. ex. Embora obscuro e pobre, nunca deixei de collocar a

honra acima de tudo. Sua filha amanha será minha esposa.

HENRIQUE DA COSTA.

O sr. Rogerio... se esqueça que o dia d'amanhan está nas mãos de Deus.

ROGERIO.

Pode dizer — no antro da traição. Entretanto, sr. barão, aguardemos o dia d'amanhan.

HENRIQUE DA COSTA.

E justamente o que acho desnecessario, sr. Rogerio.

ROGERIO.

Bastos.

HENRIQUE DA COSTA.

Tirar o nome áquelle que já não vive, é duplicar-lhe a morte; mas si isto é vontade de augmentar o seu, achando pouco ainda *Rogerio Bastos*, pode acrescentar *Porta Franca*.

ROGERIO.

Senhor! um tumulto...

HENRIQUE DA COSTA.

Tambem se transforma em altar onde se consagra uma vingança! Não é mais preciso esperar pelo dia d'amanhan, sr. Rogerio; em menos tempo ouve-se

uma palavra que vai decidir de um destino. Sr. barão, v. ex. deve abençoar a Providência por ter feito com que um amigo chegasse a tempo de impedir que uma noiva negra obscurecesse para sempre o esplendor tradicional de sua família. Este homem não pode desposar sua filha...

AMELIA.

Porque?

HENRIQUE DA COSTA.

Porque é um liberto.

ROGERIO.

Liberto !... eu !

AMELIA.

Elle ? !

BARÃO.

É possível !

ROGERIO.

Senhor, não ha muito, o chamei de miseravel ! Agora...

HENRIQUE DA COSTA, lhe apresentando a certidão.

Leia. (Rogerio repelle-a.) É a prova do que acabo de dizer: é sua certidão de baptismo; leia.

ROGERIO, arrebatando-lhe machucadamente a certidão, que deverte com os olhos.

A minha certidão de baptismo ! !

HENRIQUE DA COSTA.

Deu-m'a a victima que remi do captivoiro na noite do baile; que é sua mãe.

AMELIA.

Este homem ou está doado, ou mente!...

ROGERIO.

Não, elle diz a verdade... Sou com effeito... um liberto ! (Inclina a fronte fulminado, e o barão volta-se de braços abertos para Henrique da Costa.)

AMELIA, interrompendo-se.

Que faz, meu pae ? ! Abraçar semelhante homem ! oh ! nunca ! Esse abraço seria a coroa de escarneo mostrando Rogerio sobre a fronte da victima !

Fim do Acto II.

ACTO III

Sala em casa de Rogerio, com porta à direita, e à esquerda um gabinete de estudo.

SCENA I

ROGERIO, sentado ao pé da mesa que se acha no meio da sala embobado em profunda reflexão, na qual se conserva algum tempo.

De que me serviram tantos esforços ? !... Onde o futuro que sonhei ? !... (Pausa.) Esta vida não passa de uma grande tolice... (Põe a cabeça entre os punhos, frega os cotovellos na mesa, e cae no estado anterior. Fica assim alguns instantes. Depois passará agitado.) Oh ! Jorge já me está tardando !... E minha mãe, coitada ? !... Que será feito de minha mãe ? !

SCENA II

Os Mesmos e JORGE.

JORGE.

As ordens de v. s.

ROGERIO.

Esperava-te ancioso. Então, ha noticias de minha mãe, Jorge? Minha mãe, antes de tudo. Sabes o que é feito daquelle infeliz?

JORGE.

Não, senhor. E não ha mais um lugar onde eu não tenha ido. Ja estou até cansado de procura-la e pedir noticias della a todos que vejo.

ROGERIO.

Isto confrange-me o coração! Minha pobre mãe!... Perde-la, depois de a ter encontrado!... Ella, que asseveraram-me que ja não existia!... Minha mãe!... minha pobre mãe!... *(Mostra o rosto nas mãos e chora.)* Não importa. É mais um revêz, arrostemo-lo. Quanto a Amelia, o que ha? Persiste no mesmo? Entra sempre para o convento?

JORGE.

Quem?! Ia-lá-sinha mesma! Ora... v. s. ainda não sabe quem está ali.

ROGERIO.

Deus lhe vigore a resolução; o preceito não deve arrastar o anjo em sua queda terrível.

JORGE, dando-lhe um tango de cartas.

Está que ella mandou trazer.

ROGERIO.

Um maço de cartas! Que quer dizer isto, Jorge?!

JORGE.

Ah! ah! ah! São as cartas que o tal sr. Henrique lhe mandava. Mostrei-lh'-as agora; que ella nem nunca as tinha visto, disse-me que as desse a v. s.

ROGERIO.

Porém ella nem lhe tocou; estou certo.

JORGE.

E pode estar mesmo.

ROGERIO.

Sim; suas mãos são muito puras para tocar em semelhante objecto. *(Restituido a Jorge o maço das cartas.)* Toma, entrega ao sr. Henrique da Costa em meu nome. *(Pausa.)* Que tem dito o barão de mim, Jorge? Que faz elle?

JORGE.

Que ha de fazer?... Não larga o sr. Henrique, e em quanto o chama seu amigo, não cospe no chão. Ainda hontem, foi elle saindo, e men amo olhando para ia-lá-sinha e dizendo: Este é o meu maior amigo, foi o teu anjo da guarda. Si não fosse elle, estarias hoje casada com um liberto! com um liberto!...

Inêsinha, já sabe, foi ouvindo isto, e se largando logo a chorar, que não sei como não morreu.

ROGERIO, que tem levado a mão à fronte, desde que ouviu a palavra liberto.

Liberto!... liberto!... Sempre esta sentença cruel! Sempre este relampago a se debuxar sinistro nas trovas do meu destino! Liberto!... palavra fatal!... Si eu pudesse parti-la nos lábios de todos os homens! (Cae quasi sem sentido em cima de uma cadeira.) De que serviu trazer sempre rascalado no fundo d'alma o segredo da minha condição?... Ser agora um grande culpado, porque illudí a todos!... O liberto chegar até onde não devia!... Entretanto, elle ponde chegar!...

JORGE, entrando de offíc.

Sr. Rogerio, nada é sem remédio neste mundo. Uma mão lava a outra. V. s. tirou meu irmão da praça, depois de ter jurado bandeira, e agora occisão de lhe pagar esse grande favor. Eu só tenho de meu o dia e a noite. Tanto faz que meu pé traga hoje um sapato, como amanhã uma calceta. Ordene, e juro por tudo quanto ha que hoje mesmo esse Henrique da Costa deixa de viver.

ROGERIO.

Estás doudo, Jorge?! Pois não sabes que, apesar de tudo, a esse homem é que minha mãe deve sua liberdade?!

JORGE, para sair.

V. s. quer alguma cousa?

ROGERIO.

Quero só que me dês uma carta a Amélia. É o meu ultimo adeus que lhe vás levar; espera.

SCENA III

JORGE e o CONSALHEIRO PIRES.

CONSALHEIRO.

Que é de o Rogerio?

JORGE.

Ahi vem já, sr. conselheiro.

CONSALHEIRO.

Vou trazer-lhe alguma noticia agradavel, não?.

JORGE.

Bem que eu queria, sr. conselheiro; mas não é possível: tantas cousas a um tempo...

CONSALHEIRO.

Já sabe de sua mãe?

JORGE.

E eu nunca deixei de saber della? Não a vejo a

todo o instante? Está escondida n'um logar que só eu sei...

CONSELHEIRO.

Oh! e como Rogerio lastima-se por não ter noticias della?

JORGE.

Si eu não posso dizer-lhe nada; porque ella chega a me pedir até de joelhos, para não dizer ao filho onde ella está... Quer só que venha aqui todo o dia, para lhe levar noticias delle e mais nada.

CONSELHEIRO.

E o que é que a obriga a isto?

JORGE.

Adens, diz que foi a causa da desgraça toda de seu filho, e que antes quer morrer que lhe apparecer. Mas eu hei de fazer tudo, para dar com ella aqui; e talvez não passe de hoje.

CONSELHEIRO.

Isto será muito bom.

JORGE.

Mas eu peço a v. s. que não diga nada ao Sr. Rogerio.

CONSELHEIRO, sentando-se.

Não direi nada; deixe estar. Mas faça o que puder

para traze-la quanto antes; o filho si não a vir... Ah! vem elle.

ROGERIO, entregando a Jorge uma carta.

Dize-lhe mesmo que é o meu ultimo adens.

JORGE, toma a carta, sente dinheiro por baixo, e restituido a Rogerio.

Tenha paciencia. Não accetto... O grande favor que recebi de v. s. é a paga de tudo que lhe possa fazer.

ROGERIO.

Deus não escolhe os peitos para collocar os corações. Não accetas a paga de dinheiro? Pois bem; aperta a minha mão, Jorge. *(Jorge hesita.)* Aperta; a verdadeira nobreza não é a do sangue, é a do sentimento! O que faz o homem não é a posição, nem a riqueza; é a sua alma, são as suas acções!...

SCENA IV

CONSELHEIRO e ROGERIO.

ROGERIO.

Meu bom amigo!... Não sabe como me consola a sua visita. *(Abraçam-se e beijam-se.)*

CONSELHEIRO.

Não estou aqui sempre, o amigo sabe porque: minhas occupações são tantas...

ROS.

11

ROGERIO.

São assim os verdadeiros amigos. É eu dou graças a Deus por encontrar um tão distincto em v. ex., quando todos me têm abandonado. A mão que apertei mais vezes nos dias doutrados da felicidade, não podia desamparar-me no cair do precipicio que a desgraça cavou sob meus pés. Agradeço-lhe do intimo d'alma essa dedicação, sr. conselheiro... Deixa de ser completo o infortunio quando, no revez que abate, se encontra um amigo.

CONSTANTINO.

Obrigado, (Larga pausa.)

ROGERIO.

Realmente, é uma grande potencia isto a que dão o nome de acaso! Bonaparte, o chamando o unico rei legitimo do mundo, proferia uma das maiores verdades: E elle podia dizer isto!... (Levanta-se) O acaso deu-me a elevação, o acaso deu-me a queda!... Eis a que se acha reduzido o homem que v. ex. contemplou, não ha muito, nas eminencias da gloria, rodeado por essa mesma turba de pequenos espiritos, que hoje são os que mais se dão pressa para o cobrir do ridiculo e expô-lo á irrisão!... Que é pois a nossa existencia si está ella tão sujeita a eventualidades? Ninguem melhor que o amigo sabe o quanto fiz e trabalhei para não ser inutil um só momento de mi-

na vida. Mas onde o resultado de tantos esforços? o premio de tão heroicos sacrificios?... Como Democritus, cheguei a raspar minha cabeça, para resistir ao intento de sair de casa, e poder consagrar-me inteiro ao culto das letras!... Desvairava-me a paixão pela fama, impellia-me a ambição pelos thesouros da gloria, tornei-me o monge da sciencia!... Não havia herdado um nome, queria crea-lo. Foi esta a minha perdição, hoje conheço. Em vez de matar-me por fazer o cerebro transbordar de idéas, devia tractar de encher um cofre de moedas, porque o brilho do ouro teria melhor disfarçado a obscuridade do meu nascimento!... Ainda hontem era representante da nação brasileira!... dispunha de um logar na camara temporaria!... Ah!, primeiro no empenho da promoção do bem para todos, nunca deixei de levantar-me, soldado destemido, na guarda da Constituição... Dessa Constituição em um de cujos artigos vejo o raio que me fulminou!... O povo, esse pobre povo brasileiro — Promethen que ainda não teve quem lhe rompesse os elos da cadeia que o prende no Cáucaso, onde o abutre lhe rói o figado, apreciou tanto o desempenho do papel que me encarregou na legislatura passada, que, na presente, ninguem ponde me vencer na lucta: O povo tornou a distinguir-me com o seu mandato: mas, neste interim, um homem ebrio de vingança arrebatou-me da mão o diploma que o povo acabava de

conferir-me, rasga-o publicamente, e, para cumulo de indignação e affronta, exclama: — « Liberto, essa « mulher, por quem davas a vida, por quem subiste até « onde estás collocado, não será minha; mas tambem « não ha de ser tua! » Que diz a tudo isto, v. ex. ?

Constatamos.

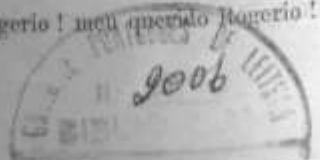
Meu amigo, não venho trazer-lhe palavras de consolação; porque estas só exercem sua influencia nos animos que não sabem resistir ao embate das dores mais vulgares e communs. Conheço a quem fallo. A adversidade, longe de ser a escada por onde se deace á ignominia, é, pelo contrario, a pedra de toque da grandeza d'alma, a pia de fogo onde a virtude recebe o seu baptismo de gloria. Acabo de contractar a impressão do seu poema, e quero que m'o dê para cuidarmos d'isto quanto antes. Aquelle, que julgam indigno de representar o seu paiz e de esposar a filha de um barão, ninguém contestará o direito á admiração universal e á aureola com que a posteridade costuma distinguir os grandes nomes...

SCENA V

Os Mesmos e AMELIA.

AMELIA.

Rogério! meu querido Rogério!



ROGERIO.

Oh! tu aqui, Amélia! *(Hoje-lhe a mão.)*

AMELIA.

Custou-me muito; mas vim, Rogério!... Recebi o teu ultimo adeus, vim dizer-te o meu. Vim, para deixar-te, n'um abraço, este coração que está cheio de ti, que te pertence, que é teu! *(Abraçam-se e ficam alguns instantes assim.)*

ROGERIO.

Haverá no mundo alguma cousa com que se possa comparar a maldade dos homens, meu amigo?

Constatamos.

Esopo nada achou.

ROGERIO, dequado um osculo na fronte de Amélia.

É a minha existencia, recebe-a, Nascemos para viver junctos, o destino separa-nos...

AMELIA.

Separa-nos o destino!... Não; elle já não tem poder para isto. Nossas almas fundiram-se no raio do amor, não ha separação possível para ellas! Sabes que d'aqui a instantes as portas de um convento vão se fechar sobre mim?

ROGERIO.

Só dous meios restavam-te para fugires á imposi-

ção de teu pae, e á vontade desse homem que te pretende — entrares para o convento, ou ires para a companhia de teu padrinho em Portugal. Aqui protegia-te um oceano, ali protege-te uma grade de ferro. Desses dous meios escolheste o melhor, o mais seguro. Assim, esse homem jamais será teu esposo, e eu poderei viver ou morrer descansado.

AMELIA.

Então, pensas que tomo esta resolução com receio de dobrar-me á vontade desse hom... desse monstro que acaba de fazer a tua e a minha desgraça?... Rogerio, o oceano separa muito é verdade; essa grade de que fallaste defende quanto é possível; mas ha o que separe mais do que o oceano; ha o que defende mais do que as grades de ferro de um claustro!...

ROGERIO.

O tunão!

AMELIA.

Não — o odio de uma mulher!

CONSELHEIRO.

Bravo! muito bem!

AMELIA.

Faço isto; porque sei que a onda dos preconceitos mundanos quebra-se nos limiares do templo. Não posso

ser tua esposa diante dos homens, quero consagrar-te minha vida na casa de Deus. No habito em que me vou envolver, ficarei mais bella aos teus olhos. Elle exprimirá o luto das esperanças; mas não ha de ser a mortalha do coração.

ROGERIO.

A fé te vigore a resolução, Amelia. Oh! assim é melhor: por teu — a abobada do sanctuario; por sol — a lampada que o alumia; por mundo — uma cella; por companheiro — o livrinho das orações!

AMELIA.

E o nosso amor?... O nosso amor? Porque não fallas delle?...

ROGERIO.

Porque esse amor deve morrer no adeus que lançares ao mundo para sempre! Tu já não me podes amar, Amelia!... O noivo que escolheste é infinitamente superior a quantos o mundo tem para dar-te. Risca-me do teu coração. Agora preciso mais da tua piedade que do teu amor! *(Amelia dobla-se em lagrimas.)* Sim, faze o que eu já não posso fazer — chora! chora! E que o teu bom anjo apure-te essas lagrimas, e as leve ao throno do Altíssimo, como orações feitas em tenção do criminoso! do desgraçado! do liberto!

AMELIA.

Oh! eu suffoco!... Essas palavras despedaçam-me

o coração ! Não faças com que eu me considere a mais infeliz das mulheres ! Dize antes que posso e devo te amar, viver para ti, ser tua !

ROGERIO.

É impossível, Amelia ! Impossível !... Eu sou indigno de ti ; eu sou um liberto ! Não vês em minha fronte o estigma infamante com que a sociedade me marcou ? !

AMELIA.

E que importa isto, si julgo-te mais digno do meu amor que outro qualquer homem ? *(Ouvindo dar horas.)* Duss horas !... Meu pae não tarda a voltar para casa, e eu não quero que elle dê por falta de mim ! Oh ! *(Abota o rosto nas mãos e chora.)* Henrique da Costa, eu te perdoo !... Adeus, Rogerio ! adeus ! *(Abraça-o.)* Lembra-te sempre que eu te amei muito !... oh ! muito ! Quando quizeres saber de mim, manda ou vae no convento da Soledade. Adeus !

ROGERIO.

Amelia, tu és a heroína do amor. A historia do teu paiz ha de um dia fazer menção do teu nome ; e todo o coração que amar ha de saber quem tu foste, e bendizer-te sempre. Adeus ! *(Torna a se abraçar.)*

CONSELHEIRO, a Rogerio.

Eu acompanho-a. Não se esqueça de ver o poema, que ja volto para toma-lo.

SCENA VI

ROGERIO, só, acompanhando Amelia com a viata, até encobri-la.

É o astro da minha felicidade que se recolhe... Demos ao quadro a ultima demão. Repellem o liberto, não devem possuir a sua obra. *(Entra no gabinete. Apparecem à porta da direita Mathilde e Jorge.)*

SCENA VII

ROGERIO, no gabinete, MATHILDE e JORGE.

JORGE.

Vamos, entre. Se a senhora não apparecer hoje a seu filho, elle é capaz de fazer alguma doudice.

MATHILDE.

Falta-me a coragem, sr. Jorge ! Eu sei que meu filho não pode me ver com bons olhos ! Oh ! não pode !...

JORGE.

Pois um filho pode nunca olhar sua mãe com bons olhos, senhora ? ! Vme. tem lá a culpa de que Deus quiz fazer ? Elle mesmo diz que todo seu desejo agora é vê-la. Vamos, venha lhe dar este prazer.

Ros.

MATHILDE, vendo Rogerio.

Meu Deus ! Não posso, (Rocha e desaparece com Jorge.)

ROGERIO, acobardado de rasgar lentamente uma porção de tiras de papel escriptas, que amontoa em cima da mesa.

O edificio vai desaparecer com o architecto que o levantou. (Tira um frasco na mão.) Logo que trague o veneno terrivel que aqui se contém, apenas terei tempo de lançar fogo a estes papeis, fragmentos de um sonho vão, e tudo estari concluido !... (Contra a mão na fronte, como para deter a evitação das idéas, que se lhe entrococam no crebro... Contemplando o monte de papéis.) Ainda soprar em mim a scintilha da vida, não é nada ; mas eu mesmo aniquilar a minha obra !... Despedaçar com minhas proprias mãos o pedestal de minha gloria, construido com tão incríveis esforços ! com uma existencia que foi um continuado martyrio ! (Revoltando os papéis.) São os pedaços de meu futuro !... Os restos de meu nome !... (Cae em profunda mollição e seu rosto estaa um instante. Emergindo-se d'isso.) Mas uma alma, que sempre teve na vontade sua força, é triste deixar-se vencer um instante pela impotencia do molusco. (Fazte escuras. Mathilde tem appareço á porta, hesitando ainda na entrada. Impugnando o frasco de veneno, e expando a vista.) Minha mãe, não vos pude encontrar na terra, morrendo, talvez vos abrace no ceu. (Vae querendo beber o veneno.)

MATHILDE.

Meu filho !! (Rogerio apasta-se, o frasco escapa-lhe da mão.)

ROGERIO.

Minha mãe !... Será possível !...

MATHILDE, atirando-se-lhe nos braços.

Fix-te a desgraça ; mas salvei-te a vida !

ROGERIO, depois de abraçá-la muitas vezes ao coração.

Não ! seu filho ja não é desgraçado ! E' feliz ! sim ! muito feliz ; porque encontrou-a... Minha maior infelicidade era perde-la depois de tudo. Aquella que abriu-me a porta da vida, devia ser a mesma que aparasse minha alma, quando eu a jogava pelos despenhadeiros do inferno. D'aqui em diante, só viverei para minha mãe. (Abraçando-a.) Minha mãe !... encontra-la !... Oh ! Providencia, eu vos rendo graças !... Minha mãe ! Como é doce este nome que se pronuncia com o coração !... O golpe foi profundo ; porém o remedio é santo !

MATHILDE.

Não, não me abraces ; porque fui eu que fiz a tua desgraça, Rogerio ! Sim, não foi ninguém ; foi tua mãe mesma ! Mas sem querer, sem pensar em semelhante cousa. Oh ! meu Deus ! quanto eu maldigo o dia em que me disseram que era livre !... Antes me deixassem toda vida no meu captiveiro !... (Atira-se allegramente e tae nos braços de Rogerio.) Perdão a tua mãe, meu filho !

ROGERIO.

Perdoar-lhe, porque?! Ao menos tudo que fiz, tudo que fui, serviu de alguma sorte para tira-la do captivo. Agora só uma ambição enche-me o espirito — viver do meu trabalho para minha mãe. Amanhan estarei no seio da floresta com uma enxada na mão; foi o mister de meu paé, pode ser o meu. Vamos... Quebre-se o ultimo vinculo que me prende á sociedade; e que meu nome se apague na terra. (Lança fogo ao poema.)

SCENA VIII

Os MEANOS e o CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO.

Que quer dizer isto?

ROGERIO.

É o meu poema, sr. conselheiro; dei-lhe um destino luminoso.

CONSELHEIRO.

O teu poema! Pois queimares o teu poema!

ROGERIO.

Quando uma gloria morre, o seu sepulchro deve ser de chamma.

CONSELHEIRO.

E que te resta agora do teu futuro, meu pobre amigo?

ROGERIO, apontando para a mesa onde se queimou o poema.

As cinzas!

CONSELHEIRO.

Mataste a derradeira esperanza; estás desgraçado.

ROGERIO!

Não! porque já possuo o thesouro que julguei perdido — o coração de minha mãe!

Fim do drama.



JUIZO CRITICO

« JORNAL DA BAHIA » de 19 de Março de 1873.

LITTERATURA — Nesta secção publicamos hoje uma carta dirigida pelo nosso intelligente e illustre comprouviciano, o revd. sr. conego Francisco Bernardino de Souza, ao joven litterato o sr. João de Britto, em relação ao seu drama — *Rogério*, com que tão distinctamente estreou na litteratura dramática o auctor — já bastante conhecida entre nós por suas produções poeticas.

É sempre com prazer que franquearemos nossas columnas aos escriptos sahidos da pena abalçada do notavel escriptor — o revd. sr. conego Bernardino de Souza.

— Illm. sr. João de Britto. — Li com attenção e interesse o drama que v. s. escreveu e que teve a bondade de confiar-me, desejando que lhe manifestasse a minha opinião a respeito.

Ros.

10

« Sinto-me seriamente embaraçado no desempenho da missão de que incumbiu-me a sua benevolencia.

« Ninguém menos competente do que eu para formular uma opinião e fazer uma critica sã, conscienciosa e reflectida. Faltam-me o tempo e os predicados que em outras abundam.

« Em meus tempos de moço, quando placida e serena, á sombra do lar paterno, me corria a vida, gostara eu de estreitar o espirito com essas litoras faceis e amenas, que tanto agradam no alvorecer da vida.

« Era aqui mesmo, n'esta bella cidade das collinas. Havia entao uma pleiade brilhante de moços intelligentes e estudiosos, e entre os quaes sobresahiam Agrario e Alvares da Silva, para fallar somente dos mortos. Com elles convivia eu tambem; reunimo-nos aqui e alli; lhamos, discutiamos, conversavamos, escreviamos; havia emulação, havia gosto, havia vida litteraria. Fomos nós que creamos o Conservatorio Dramatico, que tanto promettia em favor da litteratura.

« Depois, a este ou aquelle foi ceifando a morte, a politica foi absorvendo a attenção de alguns e as exigencias imperiosas da vida levando para longe a muitos outros.

« Depois de 14 annos de ausencia voltei a esta terra de que nunca me esqueci. Poucos existem dos amigos, dos companheiros que comigo conviveram. Encontrei outra geração de moços talentosos e applicados, porque na Bahia, n'este solo tão abençoado, planta rara e exotica não é o talento. Desconhecido lhes sou; de

meu humilde nome apenas se recordam os poucos companheiros que ainda existem, ou os que têm lido algumas folhas esparsas e sem merecimento que por ahí correm mundo e levam a minha assignatura.

« Outra é a trilha que tenho seguido; as exigencias da vida me levaram a outras occupações; abandonei a litteratura, que era o meu passatempo predilecto, e entreguei-me a outros trabalhos, a outras occupações, porque era necessario viver.

« Vê pois v. s. que muito incompetente sou eu para escrever paginas de critica litteraria acerca do seu drama.

« Li-o entretanto com attenção e interesse, e achei que desta v. s. continua a cultivar esse genero de litteratura, para o qual mostra tanta vocação, e que sem duvida lhe dará nome bem notavel e lugar bem distincto entre os mais distinctos e notaveis cultores da litteratura dramatica.

« Dizer-lhe que é um trabalho perfeito, sem senões, seria mentir a minha consciencia e fazer uma injuria a v. s. É uma composição dramatica, que revela bastante gosto, bastante talento, bastante maturação, mas não é um trabalho absolutamente escusado de senões. Ha ali pensamentos felizes e delicados, ha lances verdadeiramente dramaticos, de muito effeito scenico, mas uma ou outra vez resente-se a firma de algum descuido, de algum delicto, facil de corrigir.

« Continue v. s.; intelligencia bastante deu-lhe Deus; é digno

lho d'esta boa terra tão rica de talentos. Cultive esse fogo sagrado, trabalho e estudo. Não desanime na vida que estrêa; não desanime, não, ainda que sinta o susurrar da maledicência e da inveja. Homeiro n'essa cruzada santa do progresso, não convém parar em meio do caminho: trabalhe e estude. A um comprovinciano nosso também fallei assim. Encontrei-me um dia com elle, cultivei-lhe a amizade, conquistei-lhe a confiança, ouvi-lhe as produções, notei-lhe com franqueza os erros, aconselhei-lhe o estudo e a reflexão, e hoje Mello Moraes Filho é um nome vantajosamente conhecido entre os obreiros do futuro e os apóstolos do progresso.

« Tanta como elle poderá v. s. fazer tambem, pois que intelligencia e gosto não lhe faltam. Estude, estude muito, estude sempre, e dê-nos dessas paginas inspiradas como sahem-n'as escriptos J. de Alencar, Macedo, Machado de Assis, Pedro Luiz e tantos outros. Ha muito ainda que fazer no vastissimo campo da litteratura, e si me não é dado colher as flores que ali desabrocham, não hesite em dirigir palavras de animação aquelles que, como v. s., sentem-se animados pelo fogo sagrado da inspiração.

« Leve o seu drama á scena e não recede do resultado. Compreendi-o-hão as almas generosas que estremecem pela liberdade, que applaudiram a lei que inaugurou uma nova epocha n'esta terra de livres instituições; compreendi-o-hão as almas delicadas, que consagram verdadeiro culto aos sentimentos santos do coração:

essas terão sem duvida applausos e corôas para o poeta da liberdade e do amor.

« Creia que sou com a mais profunda consideração e estima

« De v. s.

« attento venerador e obrigado criado

« Conego Francisco Bernardino de Souza.

« Bahia 3 de Março de 1873. »

Parecer do distincto dramaturgo,
Sr. DOMINGOS JOAQUIM DA FONSECA,
relator da commissão de critica,
approvado pelo Conservatorio Dramatico.

Como membro da commissão de critica deste Conservatorio, tendo de dar um parecer sobre o drama — *Rogério*, em um prologo e trez actos, do nosso talentoso consocio João de Britto, reconheço a coragem de que devo lançar mão, sinto a grandexa do esforço que é necessario empregar, para expender, a esse respeito, as minhas humildes idéas.

Compreendo e sei, perfeitamente, que não disponho dos recursos indispensaveis para criticar o mais simples trabalho litterario, quanto mais um drama tão primoroso como *Rogério*.

E as difficuldades aqui ainda são maiores para mim, por isso que este parecer tem de ser submettido a uma associação de homens intelligentes e illustrados, dos quaes alguns, segundo consta,

ja se têm pronunciado contra esse drama que me merece encomias, porque, realmente, é digno delles.

E, incontestavelmente, não pode deixar de recommendar-se, e muito, o drama que, como um delicado estylêto, penetra em um carbunculo social, e apresenta a nossos olhos o negro germon, a serpente degradante e mortifera que, como principal elemento, concorre para aniquillar a civilisação e a moral de nossa sociedade; o drama que tanto põe em relêvo a hediondez da escravidão, e as suas horribéis consequencias, altamente demonstrando, quer na concepção, quer na execução, ser pomposa estrôa, aurora esplendida de um robusto talento.

Não seguirei o systema dos que temem comprometter-se; que incensam e não apontam defeitos, e que vão, como que caminhando sobre um abysmo, apoiando-se na Providencia e ao mesmo tempo em Satanaz.

Estes não fazem com que os talentos progridam; pelo contrario, deixam morrer as obras criticadas.

Procurarei, de preferencia, seguir o systema dos que retalham para, de um lado, fazerem exposiçào das bellezas, e, do outro, apresentarem os senões.

O drama *Rogério*, como disse, divide-se em um prologo e tres actos.

No prologo descreve-nos o auctor, com mão de mestre e de exímio poeta, um desses quadros inteiramente novos em nossos theatros.

A scena passa-se em frente a uma cabana situada no interior de uma floresta, e entre uma familia de pobres, porém honestos roceiros.

Nada omitiu; nenhum toque deixou de dar o pincel do artista para apresentar uma de nossas florestas, com todos os seus atractivos poeticos e magestosos, seus arvoredos, seus montes, suas cascatas.

Nos dialogos e nos colloquios, Severo, Mathilde, Felix e Rogério conservam sempre uma linguagem adequada aos papéis que representam, completamente natural.

Ainda neste ponto mostrou o dramaturgo a sua força; porque o estylo é uma das mais graves difficuldades do drama, por isso que é preciso que o escriptor suffoque, inteiramente, sua individualidade, e, por assim dizer, se encarne, successivamente, em cada um dos typos que ideou.

Do prologo se fica sabendo que Severo, homem branco, trata-se apaixonado por Mathilde, mulata clara, com ella se casára, sendo Rogério, menino de cinco annos de idade, o fructo dessa união.

Tambem nos ensina o prologo que o velho e doente Felix é pai de Severo, o que Mathilde, por mais que este com ella instasse, sempre encobria-lhe o seu passado.

Reinava a mais perfeita harmonia entre essas quatro creaturas; gozavam entre si a felicidade, si felicidade no mundo pode haver.

Porém Mathilde era captiva e curtia o pungente remorso de haver até então encoberto a sua condição a Severo.

Ha na natureza um poderoso instincto, que obriga-nos a relatar a nossa consciência, e d'ahi deriva-se outro que faz-nos encobrir nossas faltas, nossas crimes. E, pois, não admira que Mathilde, filha da natureza, sem cultura intellectual, encobrisse a Severo a noção indelével que consagrada a sua existencia. Ella, porém, apesar de captiva, amava a seu marido. O seu amor por este, e depois pelo mimoso e querido fructo de suas entranhas, a obrigava a occultar o segredo do seu miseravel estado, fazendo-a ainda confiar no futuro.

A felicidade, que até então prazenteira adevava em torno aquellas quatro creaturas, havia de ser substituida por um desses terriveis acontecimentos; por um raio de extermínio que, em sua rápida passagem, deixaria a dor, o isolamento, a morte.

Fatal consequencia da escravidão! Quatro capilhes do mato, que andavam em busca de Mathilde, apparecem em frente à cabana e prendem, estando ao lado de Rogerio, a infeliz escrava, que é amarrada e fica aniquillada ao péo de sua humilhante vergonha.

Severo, que tem corrido aos gritos do filho, sabendo dos capilhes que Mathilde é uma escrava fugida, invoca, ferido de espanto, o testemunho da propria esposa; mas esta, com um silencio esmagador, confessa a sua escravidão.

Severo sente-se então como que despenhado em um abismo, e sem forças, e sem clareza e n suas idéas.

Assim é que, esquecido de seus deveres de marido e de pae, deixa Mathilde ser levada pelos capilhes do mato, e, porque assim quiz ou preferiu, deixa tambem Rogerio acompanhar sua mãe.

O pobre e velho Fella, que tem contemplado extatico e tremulo o terrivel quadro, vendo seu neto, o idolo de seu coração, deixar de ser a flor que lhe embalsamava a existencia; e consola que lhe abrandava as impertinencias da velhice; a criança livre e tão livre como as jandaias da floresta, para ficar reduzido à infima e degradante condição de captivo; desfalla e morre sob o peso de tão dolorosos e negros acontecimentos.

Severo, vendo-se abandonado pelo filho, e encarado o cadaver de seu pae, automaticamente exclama: *Leitaram-me a vida; não-me dá com a morte!*

Assim termina o attrahente e delicado prologo, sobre o qual poderia fazer algumas considerações; julgo, porém, que é mais conveniente expor-las depois de descrever todos os actos do drama. A acção deste começa vinte e seis annos depois do prologo.

Rogerio já não é mais o escravo, e sim um homem livre que, tendo-se distinguido pelo seu talento, é chamado à assembléa geral e recebe pelo seu merecimento.

O barão da Serra-Negra, em honra a essa retribuição, dá um baile a Rogerio, que está para casar-se com Anália, sua filha. Durante o baile Henrique da Costa, em dialogo com Jergo, criado do barão, dá a conhecer que é rival de Rogerio, e rival digno de inspirar se-

rias recies, por ser muito rico, e credor do barão, que, de alguma fórma, o protege em suas pretensões, relativamente a Amélia.

Durante uma quadrilha, alguns convidados veem para a sala, em que se passa a acção, e começam a jogar.

Apparece então Mathilde, que apresenta a estes uma subscripção, pedindo-lhes uma esmola para sua liberdade.

Esses homens, que não se importavam de perder dezenas e centenas de mil reis, para mitigarem a sede insaciavel do vicio, não tiveram compaixão, não sentiram vibrar uma só fibra de suas almas, ante o infortunio que, a seus pés e em pranto, lhes supplicava um obulo!

E assim devia ser; porque o vicio acaba por embotar a sensibilidade dos seus cultores, por torna-los verdadeiros cynicos.

Não só recusaram á esmola, como arremessaram o escarneo sobre a frente da infeliz escrava!...

Ella invoca então a Providencia, acontecendo nesta occasião entrarem em scena o barão, Henrique da Costa, e, pouco depois, Rogerio com Amélia. Henrique, ao sabor do que se tem passado, e querendo praticar um acto que o elevasse ao lado de Rogerio, que, nas luctas tribunicias, mostrou-se estrooso defensor da abolição da escravatura, rasga a subscripção e proclama liberta a escrava Mathilde.

Quando esta, sorprendida, corre e ajoelha-se para agradecer-lhe, ouve d'elle que se dirija a Rogerio, em honra de quem somente tinha acabado de dar-lhe a liberdade.

Mathilde estremece e demonstra a impressão que lhe causa a

physionomia do Rogerio, deixando, de joelhos aos pés de Henrique, ouvir-se a palavra « Deus »!

No segundo acto, Rogerio, tendo de partir para o Rio de Janeiro, afim de tomar assento á assemblea, procura e encontra-se com Amélia em casa do barão para despedir-se d'ella. Nesta entrevista Amélia conta-lhe as pretensões de Henrique. Rogerio, comprehendendo o perigo, retira-se logo, ao intuito de no dia seguinte effectuar seu casamento. Henrique, em conversas com Jorge, sabe que Mathilde, tendo visto em casa do barão o retrato de Rogerio, ficára em muda contemplação, e depois dissera que aquellas feições muito se pareciam com as de seu filho. Henrique, suscitando a verdade, e estando á espera de Mathilde, que deve ahí trazer-lhe uma resposta, faz com que Jorge colloque naquella sala o retrato estrato.

Entrando Mathilde em scena e fitando os olhos no quadro, patenteia de novo o sobresalto que lhe causam as feições de Rogerio.

Henrique pede-lhe então que lhe falle com toda a franqueza. E insinuante, persuasivo, de pergunta em pergunta, faz com que a desventurada mulher, sem saber o mal que está praticando, denuncie que Rogerio, o deputado geral, o noivo de Amélia, o seu rival em fim, era esse mesmo filho, e, consequentemente, um liberto!

Henrique, ainda não satisfeito, vai além e conssegue a certidão baptismal de Rogerio. Retirando-se Mathilde, elle pega na certidão, e, começando a machuca-la, exclama: *Como se compriza ao não o destino de um grande homem!*

Phraxe sublime e digna de um Corneille!...

Estava depois em scena o barão, Amélia, Rogerio, e, quando este diz ao barão que no dia seguinte effectuará seu casamento com Amélia, Henrique fulmina-o com a palavra — liberto!

Passemos agora ao terceiro acta, no qual tanto se esmerou e foi tão feliz o distincto poeta e dramaturgo: no qual se vê e se admira os reflexos de um talento joven e vigoroso, e onde tudo é movimento, onde os interesses se cruzam e as paixões se chocam.

Passa-se este acta em casa de Rogerio, o qual, depois de descoberta sua baixa origem, considerou-se indigno de apparecer mais na sociedade, onde tanto brilhára, e tantos louros havia conquistado pelo seu nobre character e immenso talento.

Entretanto, recebia as visitas de um verdadeiro amigo e de Jorge.

Em uma occasia em que está com Jorge, pergunta-lhe por sua mãe e mostra os mais ardentes desejos de vê-la, de conhecê-la, de abraçá-la. Sente, lamente profundamente, não saber onde poder encontrá-la, para nunca mais separar-se della.

Amélia em uma scena vem despedir-se de Rogerio, e jura-lhe que, não tendo podido casar-se com elle, vai recolher-se a um convento.

Neste momento, porém, em que Rogerio fica a sós, lança mão de um tacho de veneno, para terminar uma existencia que, para elle, seria uma humilhante e continua provação.

Mas antes de executar esse reprovado intento, quer queimar o seu poema — *America* — que levaria á posteridade o Rogerio de

outr'ora; mas que, presentemente, apenas serviria para perpetuar a lembrança do maldado liberto!

E com effeito, executa o seu plano.

Mas que coragem, que resignação, que martyrio!

E como o poeta, habilmente, desinha esta scena, este doloroso trance!

O curação se contorce e faz vir lagrimas aos olhos, para que, felizmente, não se lique sufocado pela commoção.

É um longo periodo de meditações, de trabalhos, de estudo, de inspirações, de orgulho, de extasis que, em um segundo, tem de ser consumido pela voracidade das chammaes! E um paço sacrificando seu filho, para depois, em acto quasi continuo, pôr termo á sua existencia!

Abraçado, suspendendo o alfange sobre a cabeça do seu filho Isaac, viu apparecer-lhe o anjo salvador.

Rogerio também viu surgir um vulto, que, si não podesse salvar-lhe o filho, conseguiu suspender-lhe o perverso, e trinitario intento do suicidio!

Foi Mathilde, foi sua mãe, foi esse anjo que Deus collocou ao nosso lado, para voar sobre nós, para fazer-nos melhor conhecê-la e adorá-la, quem salvou-lha a vida!

O conselheiro apparece nessa occasião, o corpovo, perguntando que papeis são aquelles que o fogo devora, Rogerio responde-lhe:

— É o meu poema, sr. conselheiro; dá-lhe um destino luminoso!

Mas Rogerio, de toda entrega a sua mãe, quer agora viver,

para, longe, bem longe da sociedade, trabalhar para ella e passar a vida em sua companhia.

Eis, em largos traços, esboçado o drama do nosso talentoso consocio.

Ao bouquet desamarrei o laço que prendia os pés das flores, e espalhei-as, não sobre uma superficie de ouro cinzelado, nem mesmo de prata polida, mas de tosca e simples madeira. Agora será fac examinar se todas são viçosas, se são todas bellas e perfumadas; isto é, si o drama não tem alguns sândões.

Desejaria que, no final do prologo, Severo, que tanto amára a Mathilde, ao ponto de, sendo branco, casar-se com ella, e, sem indagar quem era, nem d'onde vinha; Severo, que via então em Mathilde a companheira de uns poucos de annos, a mãe de seu filho, tivesse, para com ella, um proceder mais nobre, mais generoso, mais logico.

As acções nobres, quer na vida social, quer, principalmente, no theatro, produzem grandes effeitos, além da vantagem de serem sempre edificantes; e, antes uma acção nobre em scena, embora não seja mui justificavel, do que uma acção fria e commum perfeitamente rasoavel.

Desejaria que Rogerio tivesse, no prologo, menos idade; isto é, quando muito, cinco annos.

Desejaria que, no primeiro acto, fosse dado em honra a Rogerio, um jantar e não um baile. O movimento pode ser o mesmo, e tanto pôde se jogar antes de um jantar, como durante um baile. Com

esta pequena mudança, não admirará que Mathilde appareça em casa do barão afim de tirar dinheiro para sua alforria.

Talvez seja rigor de minha parte; mas, parece-me que o dramaturgo poderia, intelligente como é, animar um pouco mais as primeiras scenas do primeiro e segundo actos. A scena em que Henrique encontra-se com Jorge, no primeiro acto, deve ser uma scena importante neste drama. Tudo quanto diz respeito a Henrique, parece-me que deve ser retocado com o vigor de talento do auctor, para dar mais realce á luta estabelecida entre elle e Rogerio.

Terminarei a presente critica, que vai demasiadamente longa, dizendo duas palavras ainda, sobre o terceiro acto e ultimo do drama.

Quando li esse terceiro acto, senti-me tão impressionado que, ao acabar de lê-lo, tive um pesar, e pesar bem profundo.

— Foi não ter uma grinalda para com ella curamar a fronte do poeta e dramaturgo, auctor do *Rogerio*.

Bahia 8 de Junho de 1873.

Domingos Joaquim da Fonseca.

« CORREIO DA BAHIA » de 4 de Setembro de 1873.

THEATRO — Em beneficio da Sociedade Libertadora — Sete de Setembro — foi, ante-hontem, levado á scena, no theatro S. João, o drama *Rogério*, em um prologo e trez actos, original do nosso comprovinciano o sr. João de Britto.

Nes estreitos limites de uma noticia não é possível fazer a critica desse trabalho, o que demanda seguramente mais espaço e mais folego.

Entretanto, diremos que, como ensaio, o drama do sr. João de Britto é uma prova inequivoca do talento do seu auctor, que, continuando a estudar o difficil genero da litteratura em que acaba de estrear, pode no futuro offerecer-nos composições de grande merito.

O drama do sr. João de Britto carece porém de algumas correções.

Achamos que o auctor muito bem faria se encurtasse os dialogos do prologo, e lhes imprimisse mesmo mais vivacidade e acção.

Para que um dialogo possa prender a attenção do espectador, é preciso que não seja demasiadamente longo, como tambem que desperte constante e real interesse a quem o ouve.

Não nos pareceu muito conveniente que o acto da prisão de Mathilde, escrava fugida, se passasse á vista do espectador. É uma scena pungente e repulsiva, que produziria effeito, se não maior, ao menos mais civilizador, se o sr. Britto a fizesse simplesmente narrar por algum dos personagens do drama.

O 2º acto é, dentre todos que compoem o drama, o que mais agrada: já pelo movimento das differentes scenas que encerra, e já pelo effeito que produz.

O sr. Britto prima, entretanto, pelo cuidado que poz no final de todos os actos do seu drama: realmente elles acabam sempre bem.

Valtando ao prologo, parece que, sem prejuizo algum para a obra, poderia ser suppresso.

Para que o espectador se ponha ao corrente da acção do drama, o prologo — não nos parece necessario.

Tudo quanto nelle se passa é depois narrado por Mathilde, no

2º acto: e, pois, via ahí uma redundancia inutil, que poderia vantajosamente ser evitada.

A linguagem do que se servem Mathilde e Severo, seu marido, não é por certo a mais apropriada.

Mathilde ora é uma escrava, ora a mulher de um homem rustico. Em qualquer dos dous casos, não pode possuir aquella linguagem culta e elevada, que só têm as pessoas de alguma educação.

Quanto a Severo, na sua qualidade de pobre agricultor, não é natural que falle do modo por que o auctor o faz exprimir-se.

Amelia é um typo sympathico e bem descripto.

O drama gira sobre a ideia capital da escravatura, e é um esforço mais em prol da grande ideia da emancipação, a que se consagram hoje todos os homens de talento e de coração.

O ensaio dramatico do sr. João de Britto é, entretanto, digno de louvor e animação.

A Bahia precisa que seus filhos trabalhem para salvar-lhe os fillos de Athenas brasileira, que, de tempos a esta parte, vão sendo infelizmente compromettidos.

Pelo que respeita á execução do drama, correu ella muito satisfactoriamente.

A sra. D. Gabriella e o sr. Lopes Cardoso interpretaram magistralmente os seus papéis. Os outros artistas cumpriram bem o seu dever.

Houve concorrência de espectadores.

O auctor foi chamado á scena, e ahí recebeu o diploma de socio

honrário da Sete de Setembro, e uma corôa offerta pelo Conservatorio Dramatico.

Os artistas foram tambem victoriados.

Não podemos deixar de fazer especial menção da poesia intitulada o *Céptico*, que, depois do drama, foi recitada pelo Sr. Lopes Cardoso.

Composição do nosso matino poeta o sr. A. de Mendouça, o *Céptico* mais uma vez confirmou o alto conceito em que todos têm o seu intelligente auctor.

Findo o espectáculo, os amigos do sr. João de Britto, precedidos de uma banda de musica, foram leva-lo á casa de sua residencia, dando-lhe assim uma prova da estima em que o têm, e do prazer de que se achavam possuidos pelo exito do *Rogério*.

CONSERVATORIO DRAMATICO

« Rogério » — drama inédito em um prologo e trez actos

I

Esta a terceira vez que vem-nos aos dedos a penna para escrevermos sobre a estrêa dramatica de João de Britto.

Da primeira, em 1871, quando collaboravamos para a *Democracia*, não fizemos mais do que uma apresentação do joven actor, que mal tirava das fochas do seu intellecto ainda quente seu primogenito: a segunda, em junho deste anno, quando faziamos parte da commissão da critica do Conservatorio, fornecem-nos hasta assumpto para largas considerações, que, por demasiado longas, sentimos não podermos reproduzir aqui, ou mesmo substitui-las pela que ora temos de escrever.

E, pois, a nós que vimos nascer, crescer e ensaiar os primeiros passos com bello filho do nosso amigo, menos do que uma obriga-

ção official, pesa ainda uma especie de dever de amigo de familia nos conselhos que apraz-nos dirigir-lhe ainda desta vez.

É das leis supremas da natureza: depois da tempestade a bonança, a calma depois das grandes commoções.

Pois bem, folgamos de que seja justamente neste estado, que não é o colapso do espirito, mas deve antes ser o seu exercicio normal, que vamos encontrar o joven auctor do *Rogério* neste momento.

Sim, agora que vão esmorecendo já os óstos do seu enthusiasmo, agora que o fumo das oblações vai-se já volatilizando pouco e pouco e a embriaguez do triumpho já lhe não deve taldar muito o coração e o espirito, agora que já devem ir mornos em sua recordação os placentes do applause publico, e o brilho da corça que lhe pozeram na fronte, não lhe deve já muito offuscar a razão entontecida, ebria mesmo dos vapores da ultima impressão; agora, dizemos nós, tempo é de que lhe levemos ao ouvido a phrase calma, fria, inflexivel, aspera talvez, como o é sempre a da imparcialidade, dessa que não se enganava facilmente, e que por isso mesmo não lisongea, nem mente em suas manifestações.

« Il ne faut pour encourager le talent que lui rendre justice » — disse-o um illustre professor do collegio de França, o abbade Millot, a uma de suas conferencias sobre critica litteraria.

O fim do auctor do *Rogério* não foi simplesmente bater nessa brecha aberta ao coração da sociedade brasileira, e pela qual se escapa grande porção de seus brios; de sua prosperidade, de seu

nome, de seu futuro mesmo talvez; sim, não foi tão somente abrir mais um relévo no dorso desse monstro da escravidão, que tanto péa entre nós o passo no progresso: o seu olhar foi mais longo, mais alto feriu o seu affan: ella quiz tambem e especialmente verherar a iniquidade legal, se nos deixam assim dizer; quiz bater em cheio em nossa lei fundamental que, para vergonha desta geração, ainda hoje reconhece, baptisa, legitima com sua sanção os fructos nefandos da hydra fatal, — a Constituição, que amarra um stygma eterno sobre a fronte da victima, que insula-a moralmente da communhão civil, cancelando-lhe os direitos, que rasga-lhe para sempre a autonomia de cidadão, coonstruindo ella propria uma nova algema para o liberto, preparando dest'arte uma escravidão politica para o naufrago da escravidão social!

Magnifico assumpto! Pena foi que no seu desenvolvimento escapasse a João de Britto algumas imperfeições, leves pela mór parte, das quaes nos seja licito pôr aqui algumas a limpo, sem proposito de fazer carga á sua aliás mui brilhante estréa.

Entra-se para o drama por uma floresta. O céu limpido dos tropicos faz fundo á redoma de verdura em cujo seio vamos encontrar uma casinha de palha, que abriga uma familia de campones, como um ninho suspenso no arvoredo, bem semelhante áquelle donde ao pé sahe o canto estridulo das jandalsas.

Reina ahí a paz feliz e santa dos campos. Severo, o deus da choça, tem o coração dividido pelo triplice amor de paz, filho e

esposa ao mesmo tempo — trindade sacrosanta de sublimes affectos com que parece quiz Deus prender o homem a si por intermedio da familia. Entre o roceiro e sua esposa, entre esta e seu filho, e por sobre todos a clevar-se a fronte senil de Felix — entrelaçava-se um inexplicavel mixto de ternura, de gratidão e amor.

Só uma dessas creaturas, que poder-se-hia chamar venturosas, é por vezes assaltada d'um vago fremto de presentimento ou remorso, que lhe é forçoso sepultar no coração com uma lagrima. Era Mathilde, a esposa.

Um bello dia, quando após o lidar estivo regressa o roceiro ás deçuras do lar, ao em vez da ventura costumeira, espera-o a scena a mais contrastadora. Apenas entrado em casa, coberto ainda das caricias do filhinho, chamam-no ao terreiro gritos desesperados da criança. Elle vem-lhe ao encontro: estaca.

Sua mulher está no meio d'um troço de desconhecidos que em breve atam-lhe as mãos e vão arrastá-la consigo, sem que seja possível reacção da parte do infeliz, porque elles eram muitos, e sobre tudo... ella era escrava.

No meio da dolorosa confusão, vem-se arrastando do leito o velho e enfermo pai do desgraçado, e abraça-se com seu neto; mas a borda desalmada arrebuta o pequeno, porque era este a paga do seu trabalho de procurar a escrava fugida, e o velho naquello transe exhala a vida na ultima agonia do seu amor.

Severo, cuja razão se desvairara a principio e tentara erguer-se

logo após — é a estatua do desalento, no desespero, entre dous abysmos profundos da desgraça:

« Levam-lhe a vida... fica só com a morte! »

Vinte e seis annos depois, conduz-nos o auctor á casa do barão da Serra-Negra, onde se commemora com um esplendido baile o ultimo triumpho eleitoral de Rogerio Bastos, notabilidade politica e litteraria, que enchia a admiração do paiz e com quem ia casar-se Amelia, a filha do barão.

No meio do festim entra uma pobre mulher, que aproveitára a occasião para esmolar sua liberdade. Tira do bolso uma subscricção; mas os escarneos dos jogadores a quem se dirige e a propria aspereza do dono da casa vão já afiral-a porta a fora, quando uma voz salvadora rompe inesperadamente d'alli. Allega o motivo da festa, em honra ao propugnador da extincção do elemento servil, na imprensa e na tribuna, e conclue pela necessidade de dar-se a liberdade áquella infeliz que a mendigava.

Falla e obra: toma o papel, ranga-o e declara livre a pobre mulher.

O auctor deste acto fira Henrique da Costa, entidade poçoceirana pelo espirito, mas grande pelo ouro, e que se servira daquelle meio para engrandecer-se aos olhos de Amelia, cuja mão disputava, e, digamos desde já, com aquiescencia do barão.

Rogerio, pouco depois, tendo de partir para a corte a tomar

acresce na camera temporaria, vem despedir-se de Amélia, e ella chorosa commença-lhe as peçoções de Henrique, cada vez mais ardidas. Rogerio delibera alli mesmo effectuar o seu casamento antes de partir.

Mas a fatalidade não se dema, nem cede á vontade humana. Henrique da Costa, que tem ficado só com Jorge (criado do barão que servia ao amor de Rogerio, ao passo que especulava com o dote), vem ao conhecimento de que a escrava, que elle libertara na noite do baile, impressionava-se singularmente com o retrato de Rogerio, que decorava já o gabinete do barão. Esta idea com a rapidez do relampago vai despertar outra que vagava pela reminiscencia de Henrique: Mathilde lhe perguntara muitas vezes se conhecia o noivo de Amélia.

Na exploração do mysterio, ponto por ponto, circumstancia por circumstancia até a mais pequenina, elle manda collocar o retrato diante de si e espera que chegue a liberta que devia trazer-lhe uma resposta.

Consumam-se as suspeitas. Mathilde, na perturbação do seu espirito, saltado de todos os lados pelas solicitações machiavélicas de Henrique, abre-lhe seu coração, narra-lhe a historia da sua vida: que ella vivera algum tempo como livre, que neste tempo casara-se, que tivera um filho que lhe arrancaram ainda pequeno, que esse filho parecia-se extraordinariamente com o retrato, e que, para cumulo de coincidencias, chamava-se também Rogerio. E coadunados por entregar-lhe a curtidão do idado do filho, a qual trazia

ao seio como uma recordação continua do seu passado de venturas e desgraças.

Era facil a associação de ideias: e o mal, que, por tal-a, não deixa de ser um excellento logico, encontra para logo a do principal da trama, e desfil-a immediatamente.

Henrique da Costa, que com toda essa habilidade sagaz do perverso conseguiu descer até ao fundo d'alma da infeliz, que resistera-lhe até o mais profundo arcano — volta triumphante com o braço erguido e « esmigalhando entre os dedos o destino « d'um grande homem ».

— Rogerio Bastos era o filho de Mathilde.

E quando esta se apresenta ao barão para communicar-lhe a resolução do proximo casamento, — Henrique certa-lhe a palavra com o raio da vingança: Rogerio cabe fulminado pelo stigma do liberto.

Mas, o amor de Amélia não desapareceu a aquella catastrophe.

A mulher ama raramente; mas quando dá-se alguma dessas excepções, a natureza fica bem distante das heroínas de romance.

O amor de Amélia retemperara-se no infortunio. Quando Rogerio, apeado de suas ambições e de sua gloria, cabe, como uma estatua que rola abatida pelo raio, e quer buscar o esquecimento no morto, — ella vai levar-lho a segurança de seu amor no ultimo adens da vida do mundo. Aquelle coração vai abrigar-se das rajadas do infortunio na estamecha humilde da professa.

Rogério, porém, para quem morrera todo o ideal da vida, desde a felicidade no amor de Amélia, até o coração de sua própria mãe, a quem nunca mais podera encontrar, Rogério vai suicidar-se.

Mas, ligam-no ainda à vida os laços dessa paternidade sublime do espirito pelas suas manifestações: elle tem um grande poema, trabalho monumental, capaz só por si de resuscitar no futuro seu nome que se amortallara no passado.

Pois bem, são justamente esses laços que lhe é forçoso partir antes de desaparecer: antes de assassinar a si, é-lhe necessario assassinar a sua gloria, afim de que não vá ella jamais exhumar o nome do liberto. Aquelle a quem era ja a lei que escravizava, não devia transmitir o legado fatal ao parto de seus talentos.

Loucura ou não, elle despedaça o poema e ataca-lhe chammas. Mas, ao levar aos labios o toxico fatal, um grito rasga-lhe de subito pela alma dentro... cabe-lhe o veneno dos dedos... Estava diante de Mathilde.

E ao entrar um velho conselheiro, unico amigo que lhe restava a acompanhá-lo no infortunio, o qual vinha buscar o poema, que se propozera publicar, o interroga-o em face das chammas:

« — Que resta mais do teu futuro, meu amigo?

« — As cinzas.

« — Desgraçado!...

« — Não! porque ja possuo o thesouro que julguei perdido — o coração de minha mãe! »

E aquella espirito mutilado em sua queda, profanado pelos

oprobrios, espinhado pela fatalidade, fustigado por todas as commoções, aquella alma em extravio despedaçada até o mais profundo de si mesma, aquella ruina de homem, digamos assim, e de grande homem que fôra, vai reerguer-se, reedificar-se, reconstituir-se, ao calor de um grande affecto: vai dar-se uma nova forma aquella existencia em esphacelo.

Oh! architecto sublime que é o amor de uma mãe!

III

Eis, em largos traços, o que é o *Rogério*. Agora duas palavras para meias observações.

O prologo é uma pintura de cores todas nacionaes, quer no lyrico, quer no tragico. E ja que fallamos nisso, não esqueçamos o brusco da transição que nota-se de um para o outro. O espirito como que experimenta um choque, um abalo violento e profundo, ao resvalar quasi subitamente das primeiras scenas repassadas do mais suave lyrismo, para as ultimas de trêdas commoções.

Quanto à necessidade delle no drama, assim nos exprimíamos no parecer a que ja nos referimos:

«... O prologo com o drama não desmerece em suas cores: apenas notamos-lhe (e isso devôra antes ser dito quando fallasemos do segundo acto) que produz uma duplicata confrontado com a scena da narração de Mathilde em casa do barão.»

Isto, porém, condemnará à amputação o prologo? Não; seria desconhecer a utilidade do prologo no drama. O que o auctor de-

vêra ter feito a nosso ver era supprimir aquella indagação de Henrique na scena alludida, fazer suppor ao leitor que elle a fizera em sua casa, afim de não prejudicar o bom senso da arte. Não só seria mais natural, como embotaria o alfange que vemos suspenso nas mãos de qualquer critico para decepar tão bella porção do seu trabalho. »

Continua a ser esta nossa opinião.

O prologo é sempre, por assim dizer, a ante-sala do drama: como tal, não é possível admittir-se que todo o seu contexto venha a fazer parte de scenas posteriores.

Sabemos que não se pode abstrahir completamente dos successos nelle occorridos, mas queremos que se o faça de modo a não prejudicar sua razão de ser; e é assim que se o vê no *Ricardo Darlington* de Dumas Paes, no *Filho natural* de Dumas Filho e em todas as mais perfectas composições neste genero.

Não podemos deixar sem reparo ahí a proximidade dos presentimentos de Mathilde da realisação d'alles, o que ainda mais agrava a insistencia de Severo para que ella lhe cointasse sua vida.

No desenho dos caracteres, salvo um ou outro descuidosinho, não podia ser mais bem succedido o joven auctor.

Rogério é a encarnação d'uma grande idéa em toda a sua magestade; é o transumpto d'uma das mais legitimas aspirações do seculo, dessas que vão de baixo para cima a embater na mole dos preconceitos que vem de cima para baixo.

Como essas arvores magestosas e possantes, que nascem, nin-

guem sabe como, alimentam-se da propria seiva e em breve são o assombro da floresta, — o protagonista de João de Britto, que germinara ao pé da choça de Severo, na alfombra do bosque solitario — vinte e seis annos depois ergue-se no seio d'uma vasta sociedade, domina-a, frondeja-a soberano, no mais pujante borbulhar da natureza humana.

E se elle cabe depois, se a foice da fatalidade vem decepar as ramas bastas d'arvore gigantes, e que as grandes idéas necessitam de grandes holocaustos, é que é preciso immolar-lhes grandes manifestações, assim de que mais esplendida e duradoura brote a victoria. — Rogério cabe para que a sociedade aprenda, para que a lei se corrija.

Amelia é um typo de heroina: só a coragem varonil e sublime d'aquella mulher para amar ainda o liberto, essa afimaria social, esse escravo politico, essa cousa desprezível de que todos fogem, que a sociedade repelle e o proprio direito espezinha; só essa abnegação do seu amor até os paroxismos da felicidade, até os abyssos do infortunio, os antros da vergonha..., só isto basta para dar-lhe o mais elevado perfil moral, desses que raro vê a luz do nosso seculo, e cujo molde parece ter-se perdido com as antigas romanas.

Henrique da Costa é o homem de ouro: é um especimen dessas muitas nihilidades que impõem só pela irradiação metálica, pretendendo ofuscar com ella tudo quanto de grande ha que ellas não

comprehendem ; um desses muitos serresinhos afamado de riquezas, que nellas fazem consistir tudo, que tudo fazem, tudo querem, tudo conseguem, tudo compram enfim com o ouro... até algumas vezes o amor. Felizmente aqui o amor não se vende.

O conselheiro é o typo da amizade pura, nobre, desinteressada, capaz de todo o sacrificio, de partilhar, de identificar-se até com a desgraça do seu amigo.

Finalmente, não ha ahí um typo que não reflita uma entidade social bem característica, e de cujo conjuncto resulta a acção natural, bella mesmo no horrivel, sempre cheia de interesse.

Apenas notamos-lhe que algumas scenas contrastam mal entre si ; queremos dizer, nem sempre o drama segue uma rota, senão equal e uniforme — o que não quizeramos — as menos ligada harmonicamente. Vê-se que o auctor possuía-se tanto, ás vezes, de sua idéa que calcava de mais o pincel sobre a tela, ao passo que logo após apenas fazia-o resvalar sobre ella.

Uma das accusações que com muita justiça se lhe pôde talvez fazer é deixar transparecer da parte de Rogerio o conhecimento de sua verdadeira condição. O lado contrario teria para nós muito melhor effeito.

Não deixaremos ainda sem reparo o não apparecer Henrique da Costa no 3.^o acto. Quizeramos que tivesse elle ahí sua ultima palatra. Atar simplesmente ao destino d'aquelle homem o desprezo e o odio de Amelia é dar-lhe ja alguma expiação, e verdade ; mas desde que o auctor encarnou nella o principio antagonista de

sua these, bem seria que o não deixasse perder-se dos olhos do espectador ; até porque, como diz um mestre, todo ultimo acto deve ser um epylogo.

Talvez não se ache muito natural a entrada de Mathilde n'um baile aristocratico. Mas, salvo mesmo a verosimilhança, não estará isso até certo ponto em nossos costumes ? — Cremos que sim, e ainda mais, se o auctor não fizesse recuar tanto a acção desta epocha do geral agitação abolicionista. O drama passa-se em 1848.

Continuamos a achar leviço ao caracter de Rogerio offerecer paga de dinheiro á dedicação de Jorge. Era desnecessaria aquella lição de moral dada por um criado a um homem de tanta elevação.

Para não insistirmos em minudencias, deixaremos á margem alguns descuidos destes ; até porque vão ja muito estiradas estas linhas para uma critica de jornal ; podendo, se algum nisto se interessar, rever o nosso ja referido juiz.

Accrescentaremos apenas uma observação quanto ao desenvolvimento da idéa do drama. A nosso ver podia ser mais amplamente desenvolvida, mais desafogada, senão corajosamente atacada o ponto culminante.

Rogerio cahi, não ha duvida ; mas o Rogerio que cahi é menos o Rogerio politico, deputado, notabilidade enfim, do que o Rogerio amoroso, o ideal de Amelia.

Naquelle haque sóa mais a fibra do coração do que a do cerebro. O interesse amoroso da acção absorve-lhe o interesse politico.

E é o que quizeramos houvesse evitado João de Brito : qui-

scramos que não esquecesse um só instante sua idéa final, que se não deixasse seduzir pelo sentimentalismo de suas próprias creações, a ponto de esmorecer-lhe alguma cousa o animo no momento do ataque principal.

No correr da acção, mais de uma vez se é obrigado a parar de admiração, quer em typos, quer em scenas: prima sobre tudo a final dos actos.

Uma das melhores recommendações do *Rogério*, porém, é para nós a sua linguagem. Seria injusto, se não revelasse pobreza de conhecimento em materia dramatica, quem o atacasse por este lado.

Quem conhece alguma cousa neste genero, sabe perfeitamente que de ha muito está banida do drama, como de todos os ramos litterarios, a pérra propriedade de linguagem do Bernardin St. Pierre. Hoje o auctor tem obrigação de corrigir a linguagem de seus personagens, — e que não quer dizer lhes empreste elle pensamentos e phrases acima de suas relativas posições, mas que — quaesquer que sejam estas, sejam respeitadas sempre os direitos do pensamento e da palavra.

No *Rogério* a linguagem, além destes requisitos, tem a precisa côr local.

E, desta vez, basta quanto ao drama.

Aguardavamos a segunda representação do *Rogério* para nosso completo juizo, afim de não responsabilisarmos a companhia pela

precipitação dos ensaios para o beneficio da — *Libertadora* — quando veio surprehender-nos a noticia de sua suspensão.

Não sabemos, não podemos mesmo prever até onde vão ter os effeitos do semelhante acto. Desgraçadamente neste nosso paiz e nesta epocha todas as cousas parecem ir de cambalhotas; e não será para admirar que fira-se impunemente, desde quando têm já direito os cegos de usarem de espada.

Tudo quanto sabemos dizer é ao nosso amigo: dir-lhe-hemos mais uma vez: é sempre indicio de muito que vale uma obra o grande movimento que ao redor della se faz. Grandes livros têm passado pelo ostracismo; o *Hernani* foi tambem proscripto; entretanto alguns annos depois era o escolhido para a exposição.

Quanto á companhia, já agora, meia palavra somente.

Em geral não correu muito bem a execução: e sentimos comprehender ali a sra. d. Gabriella, a quem não é licito, sem pezar, dirigir-se uma censura.

Não ficou bem caracterisada Mathilde; tanto mais quanto 26 annos depois de amargos soffrimentos apresenta-se a mesma mulher, sem um cabello preto de menos, sem uma ruga de mais.

Aquelle papel, como outros, especialmente o do sr. Guerreiro, demandam conhecimento de nossos costumes, das cores nactivas do paiz.

O sr. Torres declamou galhardamente.

O sr. Cardoso satisfex; esteve magnifico no 3º acto, se bem que um pouquinho exagerado.

O sr. Faria n'aquelle papelinho foi admiravelmente. Não esperavamos tanto. O Sr. Faria ajuda sempre o papel com a caracterisação.

Os outros artistas podiam ter ido melhor.

Bahia 9 de setembro de 1873.

Domingos Guedes Cabral,
Crítico do Conservatorio Dramatico.

Carta do illustrado

Sr. Dr. ROMUALDO M. S. BARBOSO

ao auctor

Amigo Sr. João de Britto. — Como seu amigo, e cultor, embora obscuro, das letras, tenho aguardado ansiosamente a publicação do festejado drama — *Rogério* —; mas de balde. Foi ao pé da tribuna sagrada que nasceram essas revelações de sympathia entre o poeta distincto e o humilde orador. Apresso-me, pois, em retribuir-lhe as mesmas cordiaes felicitações e sinceros votos pelo seu brilhante futuro.

Ja que as musas fagueiras embalaram-lhe o berço, siga a sua estrella: pergunte-lhe nos balçoos do mar, qual o seu rumo; e, embora o « poeta tenha sido sempre uma victima da sociedade », caminhe sempre, dando largas ao seu genio. A critica invejosa e mesquinha, como diz Chateaubriand, nunca deu morte ao que deve viver.

Se alguma vez nas horas pesadas da vida, cahir-lhe o braço desfallecido veja ao seu lado o anjo da gloria a fallar-lhe dos applausos das idades vindouras.

Como no drama — *Rogério* —, continue a unir as bellotas do pensamento com os interesses da humanidade; e, sobretudo, conserve gravados no coração os santos e salutaros preceitos da Religião de sua Mãe. « O poeta sem religião e sem moral, é como o veneno derramado na fonte, onde morrem quantos procuram ahí applicar a sede. »

Para os homens materiais do covado e da balança, os poetas põem tudo em flores: *poëta frugis non sperat*, como lemos na comedia — *os Estrangeiros* — de Sá de Miranda. Deixe-os. Mal sabem alcançar com a vista enferma a influencia salutar que a poesia pôde exercer nos costumes de um povo, adoçando os corações mal formados, e mostrando quanto é amavel a virtude. Poetas, e hem poetas, foram Chateaubriand, Lamartine, Byron, Ercilla; mas Chateaubriand fundou a liberdade da imprensa franceza, e espalhou as mais graciosas flores sobre os altares, que a Revolução profanara; Lamartine salvou a Patria em dias de luto; Byron morreu defendendo a independencia dos Gregos; Ercilla, depois de depor a espada de conquistador, tomou o pincel para pintar Araucana. Canções, que tambem é nostro,

« era contar a soldado,

.....

« foi um poeta inspirado » .

Estou certo de que o drama — *Rogério* — hem como a *Colona do pai Thomaz*, ha de concorrer poderosamente para a liberdade desses nossos infelizes irmãos, que reconhecem outro senhor, além d'Aquelle, que chamou-nos do nada. É mais um titulo á legitima admiração dos verdadeiros amigos da humanidade.

Na sua pessoa felicito de passagem a nossa mocidade o descartar-se das preoccupações europeas, das ficções da fabula, bebidas nos classicos, para cumpar poesias e epopéas brasileiras pela acção, pelos costumes, pelas idéas, e pelo colorido local. Que lindos modelos no *Morro do Alcorim*, na *Mãe d'ajua*, na *Margueira*, nos *Tymbiras* de G. Dias, no *Hugway* do Bazilio da Gama, na *Confederação dos Tamoyes* do Sr. Magalhães, na *Estafeta e os mortos* do nosso Muniz Barretto, e n'um sem numero de poesias soltas d'essa lyra de ouro, onde sempre troco a gloria da patria!

O drama — *Rogério* — é mais um argumento d'esse progresso.

Sou com a maior estima

Amigo e capellão

Padre Romualdo Maria de Seixas Barros.



NOTA

« DIÁRIO DA BAHIA » DE 14 DE SETEMBRO DE 1873

INTERDITO PRESIDENCIAL AO DRAMA « ROGERIO ». — Eis o officio que o sr. dr. Frederico de Carvalho dirigiu no dia 5 ao empresario do theatro a proposito do drama *Rogério* :

« Attendendo as razões por vme. produzidas em uma petição, sobre que informei e administrei desso theatro em data de hoje, fica vme. relevado da obrigação do seu contracto de levar á scena um drama novo, na noite de 7 do corrente. Entretanto, convem que não se repita o drama *Rogério*, que vme. quer exhibir n' aquella noite, o qual deverá ser substituido por outro qualquer do repertorio da companhia, entendendo-se a esse respeito com o dito administrador. »

Não poderamos perguntar a s. ex. quans os motivos da sua eccelsa resolução, desde que o drama estava (e ainda que não estivesse) competentemente homologado pelo Conservatorio e pela policia?

Para que o arbitrio até in *motibus rebus*?

CONSERVATORIO DRAMATICO

EXTRACTO DA SESSÃO DE 14 DE SETEMBRO DE 1873

Sobre a suspensão do drama *Rogério* fallam os srs. Sillio, Fonseca, Barreto e dr. Frederico de Araujo (presidente do mesmo), que mandam reportamentos.

Encerrada a discussão, cumpri todos os requerimentos, á excepção do do dr. F. de Araujo, concebido nestes termos: « Requeiro que se consignem na acta o seguinte: O Conservatorio Dramatico, surprehendido pelo acto da presidencia da provincia, que illegalmente prohibiu a representação do drama *Rogério*, homologado por elle e pela policia, não pode deixar de manifestar seu desgosto, ante essa arbitraria offensa á liberdade de pensamento e á dignidade das lettras. »